



Universidades Lusíada

Vilas, Sílvia Regina Ramos de Almeida

Valores, orientação política e características sociodemográficas

<http://hdl.handle.net/11067/5310>

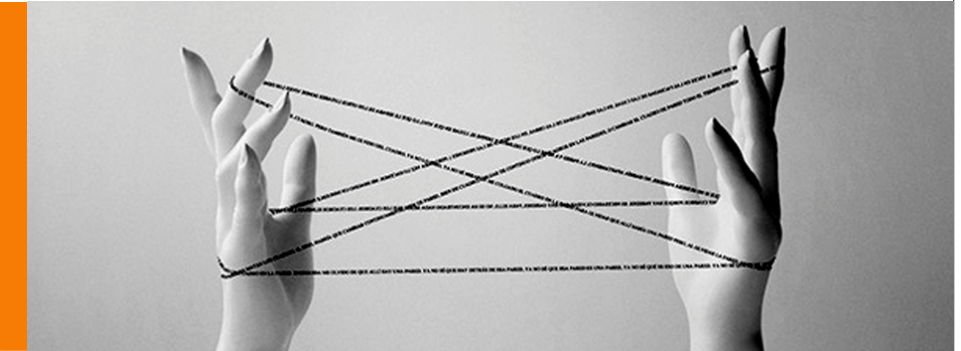
Metadados

Data de Publicação	2019
Resumo	<p>Resumo: Emergência do Estudo: Valores humanos são uma dimensão psicológica importante para a compreensão das diferenças individuais, podendo ser manifestados no comportamento dos indivíduos. A orientação política dos indivíduos e as suas escolhas eleitorais assumem extrema importância na Democracia pelo que a compreensão dos valores envolvidos na orientação política é de grande relevância. Objetivo: O objetivo deste estudo foi avaliar a relação entre valores e orientação política e entre esta e...</p> <p>Abstract: Study Emergence: Human Values are a fundamental psychological dimension for understanding individual differences, that may be manifested in the behaviour of individuals. The individual political orientation and the political choices are of extreme importance for democracy, so the understanding of human values related to political orientation is of great relevance. Objective: To access de relation between values and political orientation and between the latter and sociodemographic char...</p>
Palavras Chave	Psicologia, Psicologia clínica, Avaliação da Personalidade - Valores, Avaliação psicológica - Características sociodemográficas, Teste psicológico - Inventário de Valores de Vinte Itens (IVVI), este Psicológico - Escala de Orientação Política
Tipo	masterThesis
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULP-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T06:25:59Z com informação proveniente do Repositório

VALORES, ORIENTAÇÃO POLÍTICA
E CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS

Dissertação
para a obtenção
do Grau de Mestre em:
Psicologia Clínica



**VALORES, ORIENTAÇÃO POLÍTICA
E CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS**

Sílvia Regina Ramos de Almeida Vilas

PORTO 2019



Instituto de Psicologia
e Ciências da Educação
Universidade Lusíada - Norte (Porto)

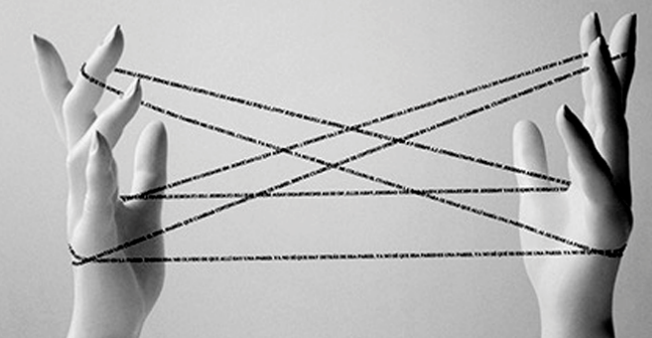


Sílvia Regina Ramos de Almeida Vilas



Instituto de Psicologia
e Ciências da Educação
Universidade Lusíada - Norte (Porto)

Dissertação
para a obtenção
do Grau de Mestre em:
Psicologia Clínica



**VALORES, ORIENTAÇÃO POLÍTICA
E CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS**

Sílvia Regina Ramos de Almeida Vilas

PORTO 2019

ORIENTAÇÃO:
Prof. Doutor Paulo Moreira



**Instituto de Psicologia
e Ciências da Educação**
Universidade Lusíada - Norte (Porto)



PANTONE 151 C

C: 0

M: 48

Y: 95

K: 0

Valores, Orientação Política e Características Sociodemográficos

Sílvia Vilas

Universidade Lusíada Norte - Porto

Agradecimentos

Esta tese representa um trabalho conjunto construído por diversos intervenientes, a quem desejo expressar o meu reconhecimento e agradecimento.

Ao Prof. Doutor Paulo Moreira pelo acompanhamento atento e crítico prestado não só na elaboração da tese, mas também em toda a preparação da mesma que se iniciou no primeiro ano do Mestrado. Uma nota especial pelos conhecimentos transmitidos nesse primeiro ano sem os quais a elaboração desta tese se teria tornado impossível, mas, acima de tudo, pela forma como essas aulas foram dadas, em que senti que havia uma construção de um conhecimento e não uma simples passagem de informação.

À Prof. Doutora Joana Oliveira pelo apoio e empatia que sempre demonstrou e pela forma calma com que foi respondendo às minhas ansiedades que, ao longo destes dois anos se foram manifestando.

A todos/as o/as professores e colegas de curso por partilharem comigo tantos momentos de ansiedade, de incerteza, mas também de alegria. À Dra. Sara Faria, um particular agradecimento pela boa disposição e permanente incentivo. À Joyce e à Diana um agradecimento especial, pelo trabalho conjunto com verdadeiro sentido de equipa, pelo conhecimento partilhado, pelas angústias, pelas gargalhadas e pela Amizade.

A todos os amigos dos Toastmasters a quem um dia prometi que ia mudar de vida e a quem pedi que me encorajassem e cobrassem essa promessa. Obrigada por terem estado sempre atentos, sempre presentes e sempre encorajadores. Obrigada também pela ajuda na construção de bons discursos e apresentações que tanto ajudam nesta fase de apresentação de resultados. E a todos os outros amigos que se preocuparam comigo e estiveram presentes em todos os momentos. São muitos para poder exprimir totalmente o meu agradecimento.

Um agradecimento especial ao Norberto Amaral que leu tudo com muita atenção, tendo sido um verdadeiro revisor de provas. Trabalhar contigo é sempre um prazer, a aprendizagem é mútua e a admiração sei que também o é.

À Esperança Melo e à Andreia Carneiro, elas sabem porquê.

Ao Sérgio Marques, porque foi ele que me impulsionou a finalmente ir estudar Psicologia e seguir o meu sonho.

À Inês Fernandes, pela sua permanente disponibilidade para me apoiar neste percurso que me leva na direção do meu sonho. Sempre disponível para me acolher na sua casa, tanto em momentos de dificuldade como em momentos de estudo e reflexão. Sempre disponível para

“servir de cobaia” nos diversos trabalhos que tive de realizar. Sempre lá e sempre amiga, apesar da distância.

À minha mãe por ter sofrido comigo todas as decepções que tive enquanto perseguia este sonho e por saber como o finalizar deste percurso é o atingir de um sonho que “quase nasceu comigo”. Ao meu pai por sempre me ter inculcido o valor da leitura, por sempre me ter apoiado e ajudado na procura do conhecimento e por ser uma referência a esse nível. Aos meus avós que lutaram comigo neste e noutros sonhos e que sei que estarão orgulhosos do meu caminho. Aos meus tios porque estão sempre lá.

Ao meu sobrinho que um dia me disse que eu ia ser uma boa psicóloga porque lhe sabia “explicar as coisas”. E também pela ajuda a perceber o que interessa e motiva os jovens de hoje. Obrigada por teres respondido a todas as minhas dúvidas e questões.

À minha irmã... porque sem ela tudo seria bem mais complicado e muito mais solitário. Por me ensinar que podemos amar pessoas bem diferentes de nós e por me ensinar a ser mais “dona de mim própria”.

A todos, um agradecimento profundo por me fazerem sentir tão privilegiada!

Resumo

Emergência do Estudo: Valores humanos são uma dimensão psicológica importante para a compreensão das diferenças individuais, podendo ser manifestados no comportamento dos indivíduos. A orientação política dos indivíduos e as suas escolhas eleitorais assumem extrema importância na Democracia pelo que a compreensão dos valores envolvidos na orientação política é de grande relevância. **Objetivo:** O objetivo deste estudo foi avaliar a relação entre valores e orientação política e entre esta e as características sociodemográficas. **Método - Participantes:** Participaram neste estudo 754 indivíduos (241 do sexo masculino e 511 do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 18 e 88 anos. **Instrumentos:** Foram usados o Questionário Sociodemográfico, a versão portuguesa do Inventário de Valores de Vinte Itens (IVVI) e uma escala para a posição política que variou entre 0 (completamente à esquerda ou socialismo liberal) e 10 (completamente à direita ou conservadorismo). **Resultados:** Os resultados demonstraram haver diferenças ao nível dos valores em função da orientação política e não existirem diferenças ao nível da orientação política em função das características sociodemográficas, indo ao encontro de outros estudos.

Palavras-chave: valores humanos, orientação política, características sociodemográficas

Abstract

Study Emergence: Human Values are a fundamental psychological dimension for understanding individual differences, that may be manifested in the behaviour of individuals. The individual political orientation and the political choices are of extreme importance for democracy, so the understanding of human values related to political orientation is of great relevance. **Objective:** To access de relation between values and political orientation and between the latter and sociodemographic characteristics. **Method - Participants:** 754 individuals participated in this study (241 males and 511 females), aged between 18 and 88 years. **Instruments:** The Portuguese version of the Twenty-Item Value Inventory (IVVI) and a scale to measure the political position that varied form 0 (completely left or liberal socialism) and 10 (completely right or conservatism) were used. **Results:** The results showed differences in values according to the political orientation and no differences in political orientation according to sociodemographic characteristics, as other studies had already proven.

Keywords: human values, political position, sociodemographic characteristics

Índice

Índice	vi
Índice de Tabelas	vii
Índice de Figuras	viii
Abreviaturas	ix
1. Introdução	1
1.1. Valores	1
1.2. Orientação Política	11
1.3. Relação entre Valores e Orientação Política	15
1.4. Objetivos e Hipóteses	19
2. Metodologia	21
2.1. Participantes	21
2.2. Instrumentos	22
2.2.1. Questionário sociodemográfico.	22
2.2.2. Inventário de valores de vinte itens (IVVI).....	22
2.2.3. Escala de orientação política.	23
2.3. Procedimentos	23
2.3.1. Recolha de dados.	23
2.3.2. Procedimentos de análise de dados.....	24
3. Resultados	26
4. Discussão dos Resultados	39
4.1. Limitações do estudo	43
4.2. Conclusões.....	44
Referências	45

Índice de Tabelas

Tabela 1 <i>Tipos Motivacionais do Modelo de Schwartz (1994)</i>	2
Tabela 2 Caracterização Sociodemográfica dos Participantes	21
Tabela 3 <i>Teste de Kruskal-Wallis para Diferenças ao Nível dos Valores em Função da Orientação Política - 11 Posições Políticas</i>	28
Tabela 4 Teste de Kruskal-Wallis para Diferenças ao Nível dos Valores em função da Orientação Política - 5 Posições Políticas	30
Tabela 5 Teste de Mann-Whitney para Diferenças entre Grupos - 5 Posições Políticas	31
Tabela 6 ANOVA Unifatorial para Diferenças ao Nível dos Valores em Função da Orientação Política - 3 Posições Políticas.....	32
Tabela 7 Teste Post-Hoc de Bonferroni para Diferenças entre Grupos - 3 Posições Políticas	33
Tabela 8 Teste T para Diferenças ao Nível do Sexo em Função da Orientação Política - 11 Posições Políticas	33
Tabela 9 Teste T para Diferenças ao Nível do Sexo em Função da Orientação política – 5 Posições políticas	34
Tabela 10.....	34
Tabela 11 ANOVA Unifatorial para Diferenças ao Nível da Idade em Função da Orientação Política – 11 Posições Políticas	34
Tabela 12 ANOVA Unifatorial para Diferenças ao Nível da Idade em Função da Orientação Política – 5 Posições Políticas	35
Tabela 13 ANOVA Unifatorial para Diferenças ao Nível da Idade em Função da Orientação Política – 3 Posições Políticas	35
Tabela 14 Teste de Kruskal-Wallis para Diferenças ao Nível da Escolaridade em Função da Orientação Política – 11 Posições Políticas	35
Tabela 15 Teste de Kruskal-Wallis para Diferenças ao Nível da Escolaridade em Função da Orientação Política – 5 Posições Políticas	36
Tabela 16 Teste de Kruskal-Wallis para Diferenças ao Nível da Escolaridade em Função da Orientação Política – 3 Posições Políticas	36
Tabela 17	36
Tabela 18 Teste de Kruskal-Wallis para Diferenças ao Nível da Ocupação em Função da Orientação Política – 5 Posições Políticas	37

Tabela 19 Teste de Kruskal-Wallis para Diferenças ao Nível da Ocupação em Função da Orientação Política – 3 Posições Políticas	37
Tabela 20 Teste de Kruskal-Wallis para Diferenças ao Nível do Rendimento em Função da Orientação Política – 11 Posições Políticas	37
Tabela 21 Teste de Kruskal-Wallis para Diferenças ao Nível do Rendimento em Função da Orientação Política – 5 Posições Políticas	38
Tabela 22 Teste de Kruskal-Wallis para Diferenças ao Nível do Rendimento em Função da Orientação Política – 3 Posições Políticas	38

Índice de Figuras

Figura 1. Ordem circular dos valores.....	4
Figura 2. Dimensões interesses do próprios <i>versus</i> ansiedade.....	6

Abreviaturas

IVVI – Inventário de Vinte Itens

SPSS – Statistic Package for Social Sciences

AD - Autodireção

BE - Benevolência

CO - Conformidade

HE – Hedonismo

PO - Poder

RE - Realização

SE - Segurança

ST – Estimulação

TR - Tradição

UN – Universalismo

1. Introdução

Num mundo que enfrenta cada vez maiores desafios a nível político, económico e ambiental, as pessoas estão cada vez mais sujeitas à influência das redes sociais, oscilando muitas vezes as suas opiniões em face do que lhes é mostrado em vez de terem como base aquilo em que de facto acreditam. Por outro lado, os partidos políticos usam o conhecimento que têm dos valores de uma sociedade para organizarem o seu discurso de forma a chegar ao seu eleitorado. No entanto, muitas vezes os eleitores não sabem quais os valores que norteiam as suas escolhas, levando a um desfasamento entre aquilo em que, de facto, acreditam e aquilo que lhes é sugerido que devem acreditar. Neste sentido, é importante perceber de que forma os valores estão relacionados com a orientação política de cada um por forma a que se possa ajudar as pessoas na formação da sua consciência política para que não fiquem tão sujeitas às pressões e influências das redes sociais e de espectros políticos mais radicais.

1.1. Valores

Os valores pessoais definidos como “crenças centrais e duradouras que guiam ações e julgamentos ao longo de situações específicas, para lá de objetivos imediatos, com vista ao fim último da existência” (Rokeach, 19669, p. 16) são padrões para servir muitos propósitos na vida quotidiana. São centrais na vida das pessoas, são duradouros e difíceis de mudar e guiam comportamentos e julgamentos ao longo de situações específicas incluindo atitudes políticas (Lee, 2003). Rokeach, em 1973, diferenciou entre valores instrumentais, nos quais podemos incluir a honestidade, a abertura mental e a responsabilidade, e valores terminais, tais como, a paz a igualdade e a harmonia e sugerindo que as pessoas usavam os primeiros para atingir os segundos. Inglehart (1977) propôs que haveria uma relação entre as necessidades básicas de cada indivíduo e o sistema de valores, baseando-se na pirâmide de necessidades de Maslow e distinguindo valores materialistas de valores pós-materialistas. Os valores materialistas estão associados à necessidade de solidez económica e à união entre todos os membros da sociedade e os valores pós-materialistas dizem respeito à forma como os indivíduos percecionam a sua vida, qualidade da mesma, realização profissional e envolvimento na tomada de decisão. Os valores materialistas cumprem necessidade mais básicas numa sociedade, enquanto no topo estão os valores pós-materialistas que, à semelhança da pirâmide de Maslow, só surgem quando já se atingiu, pelo menos em parte, a satisfação dos que estão na sua base (Inglehart, 2008). Também Gual-Atay, Kahle, Kim & Lengler (2019) referiam esta relação intercambiável entre valores e necessidades.

Para Rokeach (1973) o conceito de valor deveria ocupar uma posição central, capaz de unificar os aparentes diversos interesses de todas as ciências preocupadas com o comportamento humano. Assim, tanto psicólogos, como sociólogos e antropólogos veem os valores como critérios que as pessoas usam para selecionar e justificar ações e para avaliar pessoas e eventos (Schwartz S. H., 1992).

Segundo Schwartz e Bilsky (1987, 1990) os valores são conceitos ou crenças que não estão diretamente relacionados com situações em concreto, mas que estão na base da seleção e avaliação de comportamentos e são hierarquizados consoante a sua importância.

O primeiro aspeto do conteúdo de um valor é o tipo de objetivo ou preocupação motivacional que ele expressa. Os valores representam três requisitos comuns a todos os indivíduos: necessidades biológicas, sociais e de sobrevivência e bem-estar dos grupos. De um ponto de vista da evolução, estes objetivos são muito significativos a nível da sobrevivência crucial (Buss, 1986).

Em 1987, Schwartz e Bilsky, definiram os valores como representações cognitivas de três requisitos universais: a) necessidades biológicas, b) requisitos de interação para coordenação interpessoal, c) exigências da sociedade em relação ao bem-estar e sobrevivência do grupo.

Schwartz (1992) procurou identificar um leque compreensivo de valores básicos reconhecidos universalmente. Na sua teoria de valores identificou 10 tipos motivacionais comuns a todas as culturas. A Tabela 1 sistematiza os 10 valores básicos identificados na teoria de Schwartz (2012) e as suas definições concetuais.

Tabela 1

Tipos Motivacionais do Modelo de Schwartz (1994)

Valor	Definição concetual
Autodireção	Pensamento autónomo e liberdade para escolher, criação e exploração de alternativas.
Estimulação	Exaltação, desafios do dia a dia, abertura às mudanças e à novidade.
Hedonismo	Procura de satisfação e recompensa sensorial para o próprio.
Realização	Sucesso próprio, demonstração de competência conforme o esperado pela sociedade.
Poder	<i>Status</i> social e notoriedade, domínio sobre os outros e sobre os recursos.
Segurança	Proteção, ordem e estabilidade social, interpessoal e com o próprio.
Conformidade	Inibição de desenvolver atividades e impulsos que possam violar normas sociais, o que é esperado pelos outros ou que possa prejudicar outras pessoas.

Valor	Definição conceitual
Tradição	Apreço, compromisso e anuência aos usos e às ideias que a religião e a cultura providenciam na sociedade.
Benevolência	Proteção e valorização do bem-estar dos outros com quem estamos em contato de forma pessoal e social frequentemente.
Universalismo	Entendimento, apreciação, aceitação e proteção do equilíbrio de todos e da natureza.

Adaptado de “Are There Universal Aspects in the Structure and Contents of Human Values” by S. H. Schwartz, 1994, *Journal of Social Issues*, 50(4), 22

A teoria especificou ainda um conjunto de relações ativas entre os diversos tipos de valores motivacionais. Ações tomadas na persecução de cada tipo de valor têm efeitos a diversos níveis podendo não interferir com a procura de outros tipos de valores ou, por outro lado, entrar em conflito com essa busca (Schwartz S. H., 1992).

Em 2001, Schwartz sumariou as características principais da concepção de valores implícitos em vários artigos teóricos e de investigação:

- a) Valores são crenças, estruturas cognitivas que estão intimamente ligadas ao afeto e às emoções.
- b) Valores referem-se a objetivos desejáveis.
- c) Valores transcendem ações e situações específicas – esta característica distingue-os de conceitos mais estreitos como normas e atitudes, conceitos relativos a comportamentos, coisas específicas ou situações em concreto.
- d) Valores servem como padrões ou critérios.
- e) Valores são ordenados por importância relativa. O conjunto de valores ordenados formam um sistema de prioridades de valores. Culturas e indivíduos podem ser caracterizados pelo seu sistema de prioridades de valores.
- f) A importância relativa do conjunto de valores guia a ação. Qualquer atitude ou comportamento têm, tipicamente, implicações para múltiplos valores. Cada valor contribui para a ação como uma função tanto da sua relevância para a ação – e, como tal, a probabilidade da sua ativação – como da sua importância para o ator.

Ainda em 1992, Schwartz colocou a hipótese de que os cinco tipos de valores que servem primordialmente propósitos individuais (poder, realização, hedonismo, estimulação e autodireção) formam uma região contínua oposta a uma outra região também contínua formada por três tipos de valores que servem prioritariamente valores coletivos (benevolência, tradição e conformidade). Universalismo e segurança servem os dois tipos de interesse e imagina-se que

estejam localizados nas fronteiras entre estas regiões. Tipos de valores adjacentes são postulados como sendo mais compatíveis. Uma distância maior ao longo da ordem circular indica menor compatibilidade e maior conflito. Tipos de valores que emergem em direções opostas da origem estão provavelmente em maior conflito. Esta relação pode ser melhor percebida na Figura 1.

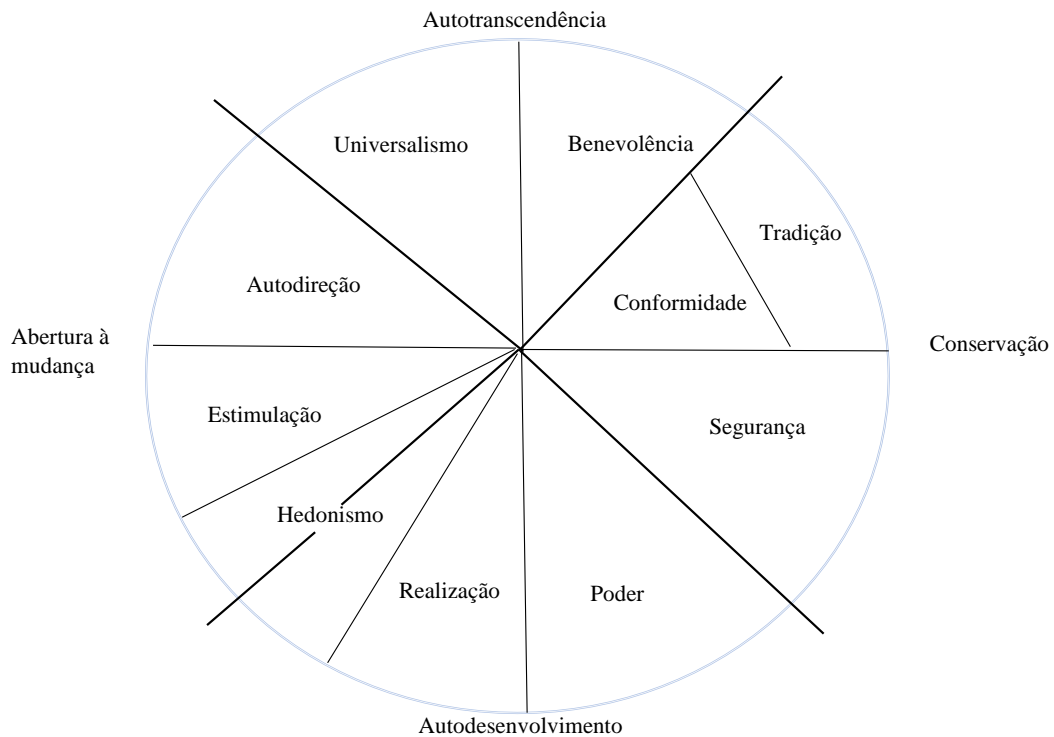


Figura 1: Ordem Circular dos Valores. Adaptado de “An Overview of the Schwartz Theory of Basic Values” by S. H. Schwartz, 2012, *Online Readings in Psychology and Culture*, 2(1), p. 9. Copyright © 2012 International Association for Cross-Cultural Psychology.

Segundo Schwartz (1992) a estrutura motivacional dos valores pode ser vista como composta por quatro formas de ordenação de valores que, por sua vez, constituem duas dimensões conceituais, bipolares, básicas:

a) abertura à mudança *versus* conservação – estimulação e autodireção em oposição à segurança, conformidade e tradição. Oposição de valores que motivam as pessoas a seguir os seus próprios interesses intelectuais e emocionais em direções imprevisíveis e incertas a valores que procuram a preservação dos status quo e a segurança que este traz para as relações com os próximos, instituições e tradições.

b) autodesenvolvimento *versus* autotranscendência – poder, realização e hedonismo em oposição ao universalismo e benevolência. Valores que motivam as pessoas a melhorar os seus próprios interesses (mesmo à custa de outros) *versus* os que motivam a transcender as

preocupações egoístas e a promover o bem-estar dos outros, próximos e distantes, assim como, da Natureza.

Valores exprimindo objetivos motivacionais similares estão mais perto uns dos outros e afastam-se conforme os seus objetivos divergem. Uma vez mais, a teoria afirma a similaridade da estrutura em diversas culturas o que indica a utilidade dos valores para investigação em culturas diversas. É plausível que as características do país ou os valores/normas da sociedade imponham uma ligação entre os valores individuais. Por exemplo, a correlação entre tradição e universalismo poderia ser reforçada por normas universalistas que são incorporadas na sociedade. Da mesma forma, as normas sociais que incluem modernidade, mudança e inovação iriam levar a uma associação mais forte entre universalismo e abertura e, como tal, alterar a estrutura circular (Steinmetz, Isidor & Baeuerle, 2012).

Estas duas dimensões bipolares constituem um aspeto fundamental do sistema de valores de Schwartz (Schwartz & Sagiv, 1995). Contudo, é possível considerar outras dimensões de ordem superior, desde que estejam adjacentes os tipos motivacionais que as constituam, o que é consistente com a ideia de um *continuum* motivacional (Schwartz, 2005).

Na figura 2, podemos observar como se organizam os valores em função dos interesses do próprio e a sua ansiedade. Valores no topo do painel regulam, em primeiro lugar, a forma como cada um expressa os interesses e características pessoais. Os valores debaixo regulam primeiro a forma como o indivíduo se relaciona socialmente com os outros e como afeta os seus interesses. Segurança e universalismo são valores de fronteira. Preocupam-se com os interesses dos outros, mas os seus objetivos regulam a procura dos seus próprios interesses. A procura dos valores à esquerda serve para ultrapassar a ansiedade devida à incerteza no mundo físico e social. São valores auto-protetores. As pessoas procuram evitar o desacordo com outros ou com a sociedade (conformismo) e manter a organização atual da sociedade (tradição/segurança) ou ativamente controlar ameaças (poder). Os valores à direita expressam motivações livres de ansiedade. São valores de crescimento e auto-expansivos. Valores de realização fazem as duas coisas: ir ao encontro dos padrões da sociedade com sucesso pode controlar a ansiedade e pode afirmar o sentido de competência do próprio. Fazer este mapeamento dos valores segundo os interesses e a ansiedade pode ajudar a prever e entender as relações dos valores com várias atitudes e comportamentos (Schwartz S. H., 2012).



Figura 2: Dimensões: Interesses do próprio versus ansiedade. Adaptado de “An Overview of the Schwartz Theory of Basic Values” by S. H. Schwartz, 2012, *Online Readings in Psychology and Culture*, 2(1), p. 13. Copyright © 2012 International Association for Cross-Cultural Psychology.

Ainda no seu artigo de 2012, Schwartz elabora uma ordenação dos valores conforme a importância que assumem na sociedade:

A alta importância da benevolência (em 1º lugar) deriva da centralidade das relações sociais cooperativas e positivas na família, o principal cenário para a aquisição inicial e continuada de valores. O universalismo (2º) também contribui para relações sociais positivas. Os valores ligados ao universalismo são funcionalmente importantes em primeiro lugar quando os membros do grupo têm de se relacionar com aqueles com quem não se identificam imediatamente. Podem até ameaçar a solidariedade dentro do grupo em tempos de conflito intergrupal. Por isso é menos importante que a benevolência.

Em terceiro lugar, aparecem os valores de autodireção que promovem a criatividade, motivam a inovação e promovem o lidar com mudanças. O comportamento baseado nestes valores é intrinsecamente motivado. Satisfaz as necessidades do indivíduo sem prejudicar as dos outros. Em países onde a típica família nuclear é grande, estes valores são muito menos importantes por contraponto com os valores de conformidade. Para manter a ordem, famílias muito grandes precisam impor comportamentos de conformismo em vez de cultivar interesses e habilidades únicos de cada indivíduo.

Os valores ligados à segurança e à conformidade ocupam o 4º e 5º lugar respectivamente e também promovem relações sociais harmoniosas ao ajudarem a evitar conflitos e violações das normas do grupo. Mas são usualmente adquiridos em resposta a pedidos ou sanções para evitar riscos, controlar impulsos proibidos e restringir o self. Isto reduz a sua importância porque entra em conflito com a gratificação de necessidades e desejos do próprio. E ao procurarem manter o *status quo* entram em conflito na procura inovadora de soluções para as tarefas do grupo. O hedonismo ocupa o 6º lugar porque, assim como a estimulação que ocupa o 9º, derivam do requisito para legitimar necessidades inatas para a obtenção do prazer e da excitação. No entanto, são valores cuja procura não ameaçam necessariamente as relações sociais positivas razão pela qual são mais importantes que o poder.

A importância moderada de valores de realização (7º) pode refletir um compromisso na base da importância dos valores. Pelo lado positivo, motivam os indivíduos a investir em tarefas de grupo e legitimam a autopromoção desde que contribuam para o bem-estar do grupo. Pelo lado negativo, estes valores promovem esforços para obter aprovação social que pode prejudicar relações sociais harmoniosas e interferir com o alcance do objetivo do grupo.

Agir de acordo com os valores da tradição (8º) também pode contribuir para a solidariedade do grupo e, como tal, para suavizar o funcionamento e sobrevivência do mesmo. Mas estes valores encontram pouca expressão no comportamento que os parceiros de interação têm um interesse vital em controlar. Estes valores têm a ver com um compromisso com crenças e símbolos abstratos.

Em 9º lugar vimos que estão os valores ligados à estimulação e, finalmente, os valores relacionados com o poder ocupam o 10º lugar porque podem prejudicar ou explorar outros e prejudicar as tarefas sociais. No entanto, ajudam a motivar os indivíduos a trabalhar para o interesse do grupo e também justificam a organização hierárquica social.

Na sua investigação de 1992, que incluiu Portugal, Schwartz confirmou a existência de dez tipos motivacionais que podem estar perto da universalidade: autodireção, estimulação, hedonismo, realização, poder, segurança, conformidade, tradição, benevolência e o universalismo (Schwartz H. S., 1992). Já em 1990, Schwartz e Bilsky, tinham sugerido que as relações estruturais entre os diversos tipos de valores sugerem que as dinâmicas motivacionais que estão na base das prioridades dadas aos valores são similares em várias culturas. Em 1994, Schwartz retirou conclusões de quão universais são o conteúdo dos valores e a sua estrutura. E, como tal, quão básicas são para a natureza da condição humana (Schwartz S. H., 1994).

Em 2001, Schwartz colocou a hipótese de que os dez valores básicos incluíssem todos os valores nucleares reconhecidos em culturas de todo o mundo e concluiu que é virtualmente possível classificar todos os itens encontrados em listas de valores específicos de diferentes culturas dentro de um destes dez valores básicos motivacionais. Cada valor básico pode ser caracterizado descrevendo o seu objetivo motivacional central

Schwartz continuou os seus estudos com os valores e em 2000, juntamente com Sagie, num estudo realizado com professores de 42 países, incluindo Portugal, chegou à conclusão de que o desenvolvimento e a democratização se correlacionavam positivamente com a importância dos valores de abertura e auto-transcendência. Por outro lado, o desenvolvimento aumentava o consenso nos valores e a democratização diminuía-o, sendo que o consenso nos valores, ou seja, o grau em que os indivíduos partilham os mesmos valores, aumenta a cooperação e reduz a probabilidade de violência. Os resultados revelaram que quanto mais democrático fosse um sistema político, maior a importância dada aos valores que enfatizam a autonomia de pensamento e ação, abertura à mudança, preocupação com o bem-estar dos outros e autoindulgência; e menor importância à dominância e controlo dos outros, autorrestricção e manutenção do *status quo*. O consenso diminui porque as democracias permitem e encorajam os indivíduos e grupos a desenvolver e exprimir o seu próprio estilo de vida e orientações (Schwartz & Sagie, 2000).

O consenso nos valores pode contribuir para a estabilidade social ao aumentar a cooperação, limitando a área de conflito e facilitando o compromisso, valores partilhados encorajam os membros de uma sociedade a identificarem-se entre si, a aceitar objetivos comuns e a concordar no modo como devem ser atingidos. Consenso nos valores também pode afetar políticas nacionais em relação ao bem-estar e igualdade social. Pode ajudar os governos a ganharem apoio dos cidadãos para aumentar impostos, redistribuindo rendimentos ou mobilizando para a guerra. Tudo isto dependerá dos valores sobre os quais há consenso (Schwartz S. H., 2011).

Para além do estudo do que são os valores, como se organizam e da sua universalidade, os investigadores estão interessados na orientação dos valores básicos não só como variáveis independentes, mas também dependentes que refletem as influências a que grupos e indivíduos estão expostos. No seu artigo de 2001, Schwartz, fez uma análise de vários artigos que estudaram várias correlações entre os valores e outras variáveis. São estudos realizados em diversos países, mas não são estudos longitudinais pelo que não pode ser extrapolada a sua universalidade:

a) A idade correlaciona-se positivamente com a auto-transcendência (benevolência e universalismo) e negativamente com a autopromoção (poder, realização).

b) Existem correlações positivas de educação com auto-direção e estimulação e correlações negativas com conformismo e valores tradicionais.

c) Tradição e conformismo estão positivamente correlacionado com a religiosidade e o hedonismo, auto-direção, realização e poder estão negativamente correlacionados.

d) Resultados confirmaram que os homens dão mais importância os valores mais instrumentais como o poder e as mulheres dão mais importância valores da comunidade como a benevolência.

e) Por outro lado, economistas atribuíram significativamente maior importância aos valores do poder e de realização, enquanto as humanidades deram mais importância ao valor universalismo, mas não significativamente e ainda deram mais importância ao valor tradição.

f) Em Israel, um estudo demonstrou que os valores de segurança e tradição estão ligados ao partido nacionalista e valores de universalismo e auto-direção ligados ao partido liberal.

g) Atribuir importância ao poder e realização está positivamente correlacionado com problemas de comportamento autocrático, enquanto atribuir importância ao universalismo, benevolência, conformismo e tradição estão negativamente correlacionados.

h) Em relação ao autoritarismo, os valores que se correlacionam positivamente são o conformismo com os seus valores adjacentes de segurança e tradição a correlacionarem-se também positivamente. Por outro lado, os valores que se correlacionam negativamente são auto-direção e universalismo, ambos enfatizando a base das ações e ideias de uma pessoa no seu julgamento pessoal e independente.

i) Os valores que se correlacionam positivamente com a procura de mudança são estimulação e hedonismo. Os que se correlacionam e negativamente são tradição, conformismo e segurança, assim como, a benevolência que enfatizam a preocupação com a necessidade dos outros em vez da sua (Schwartz S. H., 2001).

Apesar destas correlações encontradas, não há uma clara ligação entre valores e comportamento pelo que Schwartz e Bardi, 2003, pensam que não há grande vantagem em esforçarmo-nos para estabelecer e mudar valores nas condutas diárias, tal como na educação ou no media. Há pouco acordo entre os investigadores relativamente ao papel dos valores no comportamento. É ainda pouco claro se os valores se relacionam em geral com todos os comportamentos ou se apenas alguns valores se relacionam com alguns comportamentos (Bardi

& Schwartz, 2003). Ainda assim, este estudo examina relações entre um grande conjunto de valores com uma grande série de comportamentos:

a) O poder está relacionado com o comportamento de pressionar os outros para concordarem com as preferências e opiniões do próprio; com a escolha dos amigos e outras relações;

b) A autodireção está relacionada com o examinar das ideias por trás das regras e regulamentos antes de lhes obedecer;

c) Já o universalismo está relacionado com a procura de usar produtos amigos do ambiente ou assegurar-se que todos os que conhecemos são tratados de igual forma;

d) A benevolência está relacionada com comportamentos como concordar facilmente em emprestar aos vizinhos;

e) A tradição, naturalmente, está relacionada com a obediência aos costumes de um país quando em viagem;

f) A conformidade com evitar confrontos com pessoas de quem não se gosta;

g) Finalmente, a segurança com comprar produtos que foram produzidos no meu país.

Os resultados sugeriram que a tradição e a estimulação têm alta correlação com comportamentos comuns que os expressam. Hedonismo, auto-direção, universalismo e poder mostram uma associação razoável com tais comportamentos. Segurança, conformidade, benevolência e realização relacionam-se de forma fraca com os comportamentos que os expressam. Resultados adicionais sugerem que estas diferenças nas relações podem advir de pressões normativas para agir de determinada forma. Os valores motivam os comportamentos, mas a relação é parcialmente obscurecida pelas normas (Bardi & Schwartz, 2003).

Em 2013, Granjo e Peixoto realizaram uma investigação com professores em Portugal tendo concluído que, conforme observado em outras investigações, as ações que procuram alcançar determinado valor podem estar em consonância ou conflitualidade na procura de outro valor. Os autores verificaram que, por um lado, se encontra um conflito entre a aceitação dos outros como iguais e a preocupação com o seu bem-estar *versus* a procura do sucesso do próprio e o domínio sobre os outros. Por outro lado, observaram um conflito entre o desejo de autonomia, liberdade de ação e inclinação para a mudança *versus* a obediência, o respeito pela tradição e a promoção da estabilidade. Se cruzarmos estes dois tipos de conflitos com a classificação geral de valores humanos básicos, podemos dizer que o primeiro diz respeito a valores éticos, e o segundo remete a valores práticos – modos de estar e de agir nas diversas circunstâncias de vida (Granjo & Peixoto, 2013).

Em 2016, foi realizado um estudo no qual foi pensada uma estratégia conceitual nos quais os valores não são só vistos como objetivos motivacionais que as pessoas têm, mas também como ideias que estão arraigadas profundamente na cultura material, nos comportamentos coletivos, nas tradições e nas instituições da sociedade. Deste ponto de vista, os valores definem e unem os grupos, organizações e sociedades, cumprem com um papel adaptativo e normalmente são estáveis ao longo de gerações. Quando ocorrem alterações abruptas nos valores são em resposta às alterações substanciais no contexto socio-ecológico. Estas alterações baseiam-se nas estruturas prévias dos valores e não resultam numa substituição completa (Manfredo et al., 2016).

Numa investigação recente, de 2019, ficou demonstrada a associação entre os valores e um diverso conjunto de comportamentos, tendo-se chegado a duas grandes conclusões: a) até os comportamentos mais comuns da vida quotidiana podem ser motivados por valores pessoais; b) traço e estado podem relacionar-se de forma diferente com esses comportamentos. Os participantes mencionaram valores estado específicos em dada situação que consideravam importantes quando entravam em ação. A ideia era focar as pessoas nos valores que experienciavam como sendo propulsores dos seus comportamentos. Não foram identificados possíveis valores estado inibidores que fossem ultrapassados pelos valores estado propulsores quando envolvidos nestas ações. Desta forma, este estudo não parece revelar os compromissos entre valores que frequentemente são a base de comportamentos de acordo com a teoria dos valores (Algesheimer, Davidov, Cieciuch, Schwartz, & Skimina, 2019).

1.2. Orientação Política

Jost, em 2006, definiu ideologia como um sistema de crenças do indivíduo que é tipicamente partilhado com um grupo identificável e que organiza, motiva e dá significado ao comportamento político em sentido lato. Block e Block, em 2006, definiram orientação política como uma representação de um domínio de atitudes, preferências e comportamentos.

No seu artigo de 2006, Jost faz referência ao facto de após a II Guerra Mundial os cientistas terem declarado o fim das ideologias. Para eles, as atitudes políticas dos cidadãos não tinham a estabilidade, a consistência e os constrangimentos que a ideologia exige; os construtos ideológicos tal como o liberalismo ou o conservadorismo não tinham poder motivacional e significância comportamental; não existiam grandes diferenças no conteúdo entre os pontos de vista liberais e conservadores e consideravam existir poucas diferenças importantes nos processos psicológicos que estão na base das orientações liberais *versus* orientações conservadoras (Jost, 2006).

Já em 1996, Bobbio defendia que a destruição de distinção entre esquerda e direita levava à alienação do sistema político tornando-se este um sistema bipartidário indistinto conduzindo ao enfraquecimento dos sistemas democráticos e direitos humanos relacionados.

Quando a esquerda e a direita parecem estar em equilíbrio, ambas com possibilidade de aceder ao poder, não se levanta a questão se esta distinção é relevante ou não. Quando qualquer uma delas se torna tão poderosa que parece não haver mais opções, então ambas têm motivos para destruir esta distinção. O lado dominante tem interesse em dizer que não há uma alternativa real. O lado mais fraco procura reciclar-se e apresentar-se como algo totalmente novo, que vai além da distinção tradicional (nem esquerda, nem direita ou combinando ambos os lados para produzir um moderno e inovador movimento). Quando se está no campo prático da política, todas estas tentativas de ultrapassar esta distinção não são materializadas. O que é esquerda e direita num período não o é necessariamente noutra. Não representam dois conjuntos de ideias fixas, mas sim um eixo que se altera consideravelmente de uma geração para a outra (Cameron, 1996).

Bobbio, 1996, faz uma distinção entre esquerda e direita em que a primeira tende para a igualdade e a segunda para a desigualdade. Faz, ainda, uma outra distinção entre liberdade e autoritarismo, separando assim o universo político moderno em dois eixos totalmente separados: esquerda/direita e liberdade/autoritarismo. Para Bobbio, o surgimento da liberdade é a grande realização da era moderna e a causa de distinção entre esquerda e direita porque, através do processo democrático, permitiu a alternância de governo entre esquerda e direita. Na teoria de Bobbio, estes dois eixos combinam-se para produzir quatro categorias: extrema direita, direita moderada, esquerda moderada e extrema esquerda. Os extremistas são autoritários e não aceitam as regras da democracia. Por outro lado, a esquerda e a direita moderadas não concordam acerca da questão da igualdade, mas aceitam as mesmas regras para o jogo político. Quanto ao centro, Bobbio, considera que este tem uma influência desproporcional por deter o equilíbrio do poder e é frequentemente oportunista. Finalmente, Bobbio distingue entre um teórico que descreve uma sociedade ideal ainda que ache que dificilmente será colocada em prática e um revolucionário que deseja impor o seu ideal de sociedade imediatamente, quer concordem ou não com ele (Bobbio, 1996).

De facto, na generalidade, as pessoas normalmente descrevem as variações nas atitudes políticas em termos de esquerda *versus* direita. Em alguns países, esquerda corresponde ao liberalismo e direita ao conservadorismo. O conhecimento destas variações é muitas vezes intuitivo e não é claro que a variação dos indivíduos possa ser adequadamente sumariada

em termos desta simples abordagem. Não é difícil pensar em pessoas ou mesmo partidos políticos cujas atitudes parecem incluir uma mistura destas duas dimensões (Sorrentino, Cohen, Olson, & Zanna, 2005).

Segundo Jost (2006) há duas dimensões relativamente estáveis que ajudam a captar as diferenças mais significativas entre liberalismo e conservadorismo: a) atitudes em relação à desigualdade e b) atitudes em relação à mudança social *versus* tradição. Outras dimensões existem, mas variam na sua relevância ao longo do tempo (tal como tamanho do governo, gastos militares e políticas de imigração)

Ainda segundo Jost (2006), existem estudos realizados nos EUA que demonstram que há diferenças substanciais nas crenças e valores de liberais e conservadores. A maior e mais consistente diz respeito à resistência à mudança e atitudes em relação à igualdade. Segundo Jost, os conservadores defendem a cultura tradicional e valores familiares, figuras de autoridade convencionais e opõe-se a ativistas que tentam mudar o *status quo*. Já os liberais pretendem atingir a igualdade social e económica através de políticas como o estado social e ações afirmativas menos preconceituosas (a um nível consciente e inconsciente) em relação a minorias raciais, homossexuais e membros de outros grupos em desvantagem. Ainda segundo este autor, em média, os conservadores são mais rígidos e de mente mais fechada, e pontuaram mais alto em dogmatismo, intolerância e ambiguidade, necessidade de ordem, estrutura e menos abertura à experiência. Fala ainda numa associação relativamente à preferência por estímulos familiares, simples e não ambíguos, seja na pintura, na poesia ou na música, têm tendência a perceber o mundo como perigoso e a temer o crime, o terrorismo e a morte e também têm mais tendência a fazer atribuições apenas internas para os comportamentos dos outros e para fazer condenações morais.

Num artigo escrito em 2009, Jost volta a salientar a importância da distinção entre esquerda e direita, como tendo sido a única e mais útil, popular e parcimoniosa forma de classificar a ideologia política no mundo ocidental há mais de 200 anos. Para o autor existe continuidade histórica na distinção entre aspetos base: defender *versus* resistir à mudança social e aceitar *versus* rejeitar a desigualdade. Estes dois pontos estão interligados porque na história da Europa, a organização tradicional tende a ser hierárquica (i.e. desigual) e a maior parte dos movimentos de mudança nos últimos séculos têm forçado a uma maior desigualdade nas esferas sociais, económicas e políticas. Jost refere ainda que os americanos escolhem os termos liberal e conservador. As estratégias da esquerda para atingir o objetivo da igualdade (e as da direita para atingirem o contrário) certamente são sensíveis a considerações pragmáticas e o seu entusiasmo por uma intervenção governamental depende crucialmente das consequências dessa

intervenção para o grau de igualdade ou desigualdade na sociedade. O grau preferido de igualdade (ou desigualdade) na sociedade constitui uma das maiores restrições (se não a maior) à desejabilidade de uma mudança pela direita, esquerda ou centro (Jost, 2009).

Num outro estudo de 2009, os liberais demonstraram ser mais preocupados sobre temas como o dano e a justiça, enquanto as preocupações morais dos conservadores estão mais distribuídas ao longo de 5 bases (dano, justiça, o grupo, autoridade e pureza). Estes resultados ajudam a explicar porque é que os liberais e conservadores discordam tanto em tantas questões morais e muitas vezes acham difícil compreender como é que uma pessoa ética pode ter crenças como as do outro lado: liberais e conservadores baseiam os seus valores morais, julgamentos e argumentos em diferentes configurações das cinco bases (Graham, Haidt & Nosek, 2009).

Também em Portugal se estudou esta diferenciação entre esquerda e direita, sendo que Moreira, em 2009, fazendo uma revisão crítica de um livro de André Freire salientou que o posicionamento por parte de um indivíduo numa escala de esquerda-direita é resultado de três tipos de fatores: as clivagens sociais, os sistemas de valores e as identificações partidárias. Assim, quando se olha para os valores socioeconómicos, os indivíduos que consideram mais importante combater a desigualdade e que defendem um papel do Estado mais ativo na sociedade e na economia tendem a posicionar-se à esquerda. Relativamente aos valores religiosos, os indivíduos que dão maior importância ao papel da religião são os que se colocam à direita. Finalmente, a tolerância face aos imigrantes e a igualdade de género parecem ser temas de esquerda. Quando os diferentes partidos têm uma forte diferenciação ideológica também o poder explicativo dos valores referidos será maior, conduzindo a uma maior sofisticação ideológica do eleitorado. Salienta ainda que como os dois principais partidos políticos portugueses têm uma fraca distinção ideológica, a sofisticação ideológica do eleitorado português é muito fraca (Moreira, 2009). Penso, no entanto, que é de salientar o facto de que este texto já tem 10 anos e que nos últimos anos parece ter havido uma maior clivagem entre esquerda e direita ao nível do eleitorado.

Será necessário tomar em consideração a complexidade da ideologia para se poderem compreender os fatores que levam à estrutura das atitudes políticas. As variáveis psicológicas que têm sido utilizadas para descrever as diferenças entre liberais e conservadores têm diferentes efeitos na ideologia social e económica. Autoritarismo e religião têm grande efeito no conservadorismo social e pouco no conservadorismo económico. Os que pontuam alto no autoritarismo são provavelmente conservadores socialmente, mas quanto à economia política tanto podem ser conservadores como liberais (Feldman & Johnston, 2014).

Em 2018, Baptista e Lourenço realizaram um estudo do eleitorado português através de um inquérito que pretendia aferir os valores sociais, económicos e culturais dos indivíduos, procurando, desta forma, entender qual a sua posição política em termos de ideologia. Os resultados vieram a demonstrar que para os cidadãos objeto do inquérito não se tornava tarefa fácil compreender a dicotomia política esquerda-direita, originando, naturalmente, uma dificuldade em saber onde posicionavam politicamente. A referida investigação permitiu concluir que persiste a inclinação para os indivíduos se colocarem no centro do campo político quando perguntadas sobre como se auto-percecionam ideologicamente de acordo com a escala política esquerda-direita. Tal como verificado em outros estudos já referidos, as pessoas que se posicionam mais à direita revelam-se mais religiosas, intolerantes aos imigrantes e a favor da ordem social do que as que se posicionam mais à esquerda. Por outro lado, os indivíduos que se posicionam como sendo de esquerda identificam-se mais com os novos valores e clivagens, aliados à nova sociedade não económica a favor dos movimentos libertários e ambientais. Assim, apesar das críticas de que esta clivagem ideológica em termos de esquerda e direita tem sido alvo ao longo dos anos, a verdade é que serve de mecanismo de orientação e de linguagem política para todos os envolvidos na sociedade dos nossos dias (Baptista & Loureiro, 2018).

Okdie e Rempala, já neste ano de 2019, fizeram um estudo para aferirem se textos de breves comunicações, políticas e não políticas, refletem ideologia política. Foi concluído que alguns indicadores da visão do mundo que formam a ideologia política de uma pessoa estão presentes em amostras de linguagem simples ainda que fora do contexto da ideologia. O aumento da produção de textos breves através da nova tecnologia e a sua capacidade de predizer a ideologia política tornam estes resultados muito significativos (Okdie & Rempala, 2019).

Assim, parece claro que não só a ideologia não morreu, como as clivagens entre esquerda e direita parecem ser ainda mais claras e definidas. Ainda que quando colocadas em prática essas clivagens não sejam tão visíveis.

1.3. Relação entre Valores e Orientação Política

Jost, 2006, afirma que para além de características sociodemográficas (especialmente, raça, etnicidade e status socioeconómico) e institucionais (publicidade nos media e competição entre partidos) durante anos houve poucas tentativas sustentáveis para explicar porque é que indivíduos específicos (ou grupos, ou sociedades) gravitam na direção de ideias liberais e conservadoras. Frequentemente assumia-se que as pessoas acreditam no que acreditam por causa dos seus pais, do seu partido ou da sua posição na sociedade e que é raro examinarem ou alterarem as suas crenças em resposta a eventos externos. As preferências ideológicas dos

indivíduos não foram seriamente consideradas por sociólogos e cientistas políticos em parte porque estes não tomaram seriamente em consideração a noção de que os indivíduos têm genuínas preferências ideológicas (Jost, 2006).

No entanto, Jost refere que os psicólogos sociais e da personalidade fizeram progressos relativamente rápidos na identificação de um conjunto de fatores situacionais e de disposição que estão ligados ao suporte motivacional das orientações políticas. Há agora a possibilidade de explicar as diferenças ideológicas entre direita e esquerda em termos de necessidades psicológicas para a estabilidade *versus* mudança, ordem *versus* complexidade, familiaridade *versus* novidade, criatividade *versus* conformidade e rebeldia *versus* lealdade. Estas e outras dimensões de significado pessoal e social são os blocos básicos de construção de um paradigma psicológico emergente que já começou a trazer luz ao porquê da ideologia vir a estar provavelmente sempre presente (Jost, 2006).

Funk e colaboradores, em 2012, estabeleceram que um objetivo da investigação central em psicologia política é investigar os precursores de atitudes e orientações políticas, sendo amplamente aceite que as atitudes políticas são produto de mais do que cálculo racional ou contextos particulares. Apesar de diversos rótulos (predisposições, valores, traços de personalidade e fundamentos morais) em diversa literatura, o fio comum é que construtos psicológicos profundos, enraizados na infância genética e ambiental, servem como uma base para enformar perceções, preferências e escolhas conforme navegamos nos nossos mundos sociais e políticos (Funk, et al., 2012).

Segundo Schwartz e colaboradores, 2013, seria impossível entender a longevidade histórica de diferenças ideológicas básicas entre a esquerda e a direita sem nos virarmos para a psicologia. Ou seja, os seres humanos desejam - de tempos a tempos, e em diversos âmbitos – tanto estabilidade como mudança, ordem e complexidade, familiaridade e novidade e conformidade e criatividade. Estas polaridades humanas fundamentais manifestam-se no mundo político como esquerda e direita (Schwartz, et al., 2013)

Azzolini e Simkin, em 2014, indagaram qual seria a origem da estrutura ideológica. E chegaram à conclusão de que haveria dois tipos de processo. Segundo os cientistas políticos é um processo de cima para baixo: a aquisição de atitudes políticas é feita da exposição a pacotes ideológicos que são constituídos socialmente pelas elites políticas. Segundo os psicólogos é um processo de baixo para cima, salientando as necessidades e motivações psicológicas que influenciam a receptividade de um indivíduo a posições ideológicas específicas. Segundo os autores haveria assim uma interação entre estes dois processos (Simkin & Azzollini, 2014).

No entanto, já em 1979, Rokeach salientava que parecia existir um número de valores que poderiam de forma parcimoniosa descrever diferenças fundamentais nas ideologias políticas mais importantes. Para comprovar a sua teoria, Rokeach pegou em documentos escritos que melhor exemplificam as maiores ideologias e depois analisou o conteúdo determinando com que frequência os valores de igualdade e de liberdade foram defendidos nestes documentos em comparação com a defesa que fazem de outros valores. Igualdade e liberdade foram mais mencionados em artigos socialistas do que no *Mein Kampf*. Mas igualdade apareceu mais vezes do que liberdade nos escritos de Lenine. Nos escritos de Goldwater, a liberdade foi mais mencionada do que a igualdade. Os dados assim obtidos são relevantes para a validação do modelo de dois valores embora seja difícil distinguir partidos de direita e de esquerda e também deveremos ter em atenção a possibilidade de alterações nos valores motivados por razões ideológicas ou oportunistas entre partidos minoritários que não sejam populares (Rokeach M. , 1979). Apesar desta investigação ser anterior à teoria dos valores de Schwartz, é aqui referida porque apesar de, durante anos, não haver uma preocupação em fundamentar as bases da ideologia, já em 1979, Rokeach tinha colocado a hipótese de que os valores estão subjacentes à escolha de uma determinada ideologia.

Em 2010, Caprara, Schwartz e Vecchione, estudaram a relação entre valores e ideologia política tendo chegado à conclusão de que a oposição motivacional dos valores de segurança, conformidade e tradição a valores de auto-direção, estimulação e hedonismo também estão na base dos valores políticos, levando a associações positivas mútuas. Por exemplo, aceitar imigrantes está baseado em motivações opostas a lei e ordem, patriotismo cego e moralidade tradicional e correlaciona-se fortemente na negativa com estes. A associação negativa destes últimos valores políticos com os valores do universalismo implica falta de preocupação pelo bem-estar daqueles fora do grupo. Estes valores políticos referem-se à proteção do seu grupo alargado contra a desordem e perigo devido ao crime, e às minorias disruptivas e não convencionais, e a novas crenças e estilos de vida, e a acreditar que um país que protege contra ameaças não pode estar a fazer nada de errado. Os resultados sugerem que os valores políticos de igualdade, liberdades cívicas e, pelo contrário, a livre iniciativa expressam a oposição motivacional do universalismo e benevolência *versus* poder e realização. Isto implica que a principal questão motivacional relevante para estes valores políticos é a preocupação com os interesses dos outros *versus* interesse do próprio. Contudo, a comparação entre valores básicos e ideologia pode não ser inteiramente justa. Nesse estudo foram comparados oito valores, cada um indexado por uma escala, com um único item esquerda-direita. Os autores consideraram que talvez um indicador de ideologia multi-itens pudesse ter tido melhores resultados. Por outro

lado, referem que os resultados encontrados não significam que as pessoas usem conscientemente os seus valores pessoais para pensar em política. Os valores podem providenciar uma base motivacional inconsciente que restringe e organiza os valores políticos base. Em contraste, a localização à esquerda ou à direita pode sumariar uma posição individual ou partidária em questões políticas (Caprara, Schwartz, & Vecchione, 2010).

Num outro estudo, em 2013, Schwartz e outros olharam para os valores políticos como expressões, no domínio político, de valores pessoais básicos. Assim, teorizaram que a estrutura motivacional circular também daria coerência a valores políticos. O estudo foi realizado com 15 países, utilizando oito valores políticos base (como por exemplo, livre iniciativa, lei e ordem) e os dez valores pessoais base. Os resultados confirmaram as hipóteses. Mais, valores básicos explicavam substancialmente melhor a variância nos valores políticos do que a idade, género, educação e rendimento. Este estudo reforçou a assunção de que as diferenças individuais nos valores pessoais têm um papel fundamental no pensamento político. Os resultados sugeriram que a estrutura coerente de motivações que organizam valores básicos também estruturava os valores políticos base. A oposição motivacional dos valores de conservação aos valores de abertura à mudança está na base dos valores políticos de lei e ordem, patriotismo cego e moralidade tradicional produzindo coerência entre eles. Aceitar imigrantes tem raízes nas motivações opostas à lei e ordem, patriotismo cego e moralidade tradicional e correlacionam-se negativamente de forma forte com eles. Houve 11 correlações significativas não previstas. No entanto, nenhuma contradiz as hipóteses porque eram similares às correlações previstas para valores adjacentes no círculo motivacional. Por exemplo, as três correlações não previstas para a benevolência correspondem às previstas para o universalismo e as três do hedonismo correspondem às previstas para a realização. Todas as correlações não previstas eram compatíveis com o raciocínio na base das hipóteses porque valores adjacentes partilham orientações motivacionais (Schwartz, et al., 2013).

Simkin e Azzollini, em 2014, afirmaram que de acordo com o modelo de Schwartz (1992), os valores têm um peso constante nas avaliações políticas que fazemos, contribuindo para a formação de uma identidade política. Os indivíduos tendem a identificar-se com os partidos políticos que defendem os seus próprios valores (Simkin & Azzollini, 2014). E, de acordo com os resultados da sua investigação concluíram que os indivíduos que se sentem inclinados pela direita apresentam valores orientados para a Tradição, Conformidade e Segurança.

Em 2017, Caprara e colaboradores realizaram uma nova investigação com os mesmos 15 países e ainda o Japão. Os três valores de conservação (segurança, tradição e conformidade)

predisseram uma preferência pela ideologia direita/conservadora. Poder e estimulação também embora com uma menor extensão. Universalismo e hedonismo predisseram uma preferência pela esquerda/liberal. No entanto, os resultados variaram ao longo dos diversos países. O Universalismo correlacionou-se com a posição política da esquerda em todos os países exceto no Reino Unido e Eslováquia. A segurança, tradição e conformidade apareceram relacionados com direita na maioria dos países. Já as outras correlações foram mais fracas e menos consistentes ao longo dos países. O padrão de relação entre orientação política e valores básicos revelou que o compromisso crítico na base da ideologia é entre valores preocupados com tolerância e proteção do bem-estar de todos (Universalismo) *versus* valores preocupados em preservar a ordem social e o *status quo* (Segurança). Estes dois tipos de valores estão localizados em lados opostos do círculo motivacional dos valores já que exprimem motivações em conflito que parecem corresponder de forma próxima ao liberalismo e bem-estar *versus* conservadorismo social. Os valores do Universalismo pedem a promoção do bem-estar dos outros ainda que a custo do próprio. Mais ainda, eles expressam preocupação pelos mais fracos mais suscetíveis a sofrer com políticas dirigidos pelo mercado. Os valores de Segurança enfatizam a preservação da ordem social. O compromisso entre estes dois valores parece capturar particularmente bem a divisão ideológica na maior parte dos países (Caprara, et al., 2017).

1.4. Objetivos e Hipóteses

Após anos em que se discutiu se ainda fazia sentido falar-se em ideologia política, os cientistas políticos chegaram à conclusão de que as ideologias ainda estavam bem vivas e que a diferença entre esquerda e direita ainda era bastante clara. Por outro lado, durante anos houve poucas tentativas para explicar porque é que os indivíduos escolhem determinada ideologia. No entanto, desde o início do século têm sido estudados diversos fatores que estão por trás destas escolhas, nomeadamente, tem havido diversos estudos relativamente à relação entre valores e orientação política. No entanto, a relação entre valores e posição política, tanto quanto nos dá a entender a revisão bibliográfica efetuada, não tem sido estudada em Portugal.

Assim, esta investigação procura responder à seguinte questão: “Existem diferenças ao nível dos valores em função da posição política?” Em função desta questão testaram-se as seguintes hipóteses:

H0: Não existem diferenças ao nível dos valores em função da posição política.

H1: Existem diferenças ao nível dos valores em função da orientação política.

Por outro lado, em função da revisão bibliográfica elaborada procurou-se investigar a diferença entre as diversas posições políticas em função das características sociodemográficas.

H02: Não existem diferenças ao nível da posição política em função das características sociodemográficas.

H2: Existem diferenças ao nível da posição política em função de características sociodemográficas. Nomeadamente sexo, idade, ocupação, escolaridade e rendimento.

2. Metodologia

Segundo Montero e León (2007) quando a variável independente não pode ser manipulada estamos perante um estudo *ex post facto*. Assim, este é um estudo empírico quantitativo, *ex post facto*, cuja investigação passa por um desenho retrospectivo para um grupo e com medidas múltiplas (Montero & León, 2007).

2.1. Participantes

A amostra da presente investigação é composta por um total de 754 participantes. Para a seleção da amostra foram considerados os critérios população normativa e idade superior a 18 anos. Os critérios de exclusão reportam-se ao não cumprimento destas condições. O tipo de amostra é intencional, não probabilística, de conveniência (Almeida & Freire, 2008).

Neste estudo participaram, então, 754 indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 88 anos, com uma média de idades de 32,79 e um desvio-padrão de 15,677 e com 511 pessoas do sexo feminino (67,8%) e 241 do sexo masculino (32%), sendo que duas pessoas não responderam a esta questão. Dos 754 indivíduos, 44,3% identificou-se como sendo estudante, 38,3% como estando empregados e os restantes dividiram-se entre trabalhadores-estudantes, pessoas em situação de desemprego e reformados. Ao nível da escolaridade, 55,7% indicou uma escolaridade ao nível do ensino secundário e 22,8% indicou ser detentor de uma licenciatura. Em relação ao rendimento, os dados demonstram haver uma distribuição normal, sendo que 55% indicaram um rendimento entre os 899€ e os 1999€. Estes dados podem ser mais facilmente consultados na tabela 2.

Tabela 2
Caracterização Sociodemográfica dos Participantes

Variáveis sociodemográficas	N	%
Sexo		
Feminino	511	67.8
Masculino	241	32.0
Idade		
18 - 24	369	48.9
25 - 64	351	46.6
>65	34	4.5

Variáveis sociodemográficas	N	%
Escolaridade		
	25	3.3
1º Ciclo do ensino básico	29	3.8
2º Ciclo do ensino básico	65	8.6
3º Ciclo do ensino básico	420	55.7
Ensino secundário	172	22.8
Licenciatura	22	2.9
Mestrado	4	.5
Doutoramento		
Ocupação		
Estudante	321	44.3
Empregado	278	38.3
Trabalhador/Estudante	39	5.4
Desempregado	30	4.1
Reformado	57	7.9
Rendimento		
<500€	11	1.6
500€ - 800€	92	13.7
900€ - 1200€	184	27.5
1300€ - 1900€	185	27.6
2000€ - 2900€	109	16.3
3000€ - 3900€	46	6.9
4000€ - 4900€	14	2.1
>5000€	29	4.3

2.2. Instrumentos

2.2.1. Questionário sociodemográfico.

O questionário sociodemográfico foi administrado com o objetivo de recolher informações gerais da amostra tendo sido passado de forma individual a todos os participantes no estudo. Todas as perguntas pretendem uma resposta curta e/ou de escolha múltipla. Estas são referentes ao sexo, idade, escolaridade, ocupação e rendimento do agregado familiar. Para a investigação em causa apenas foram analisadas as seguintes variáveis: sexo, idade, nível de escolaridade, ocupação e rendimento.

2.2.2. Inventário de valores de vinte itens (IVVI).

O inventário de valores de vinte itens, IVVI, é constituído por 20 itens que pretendem medir os 10 tipos de valores motivacionais conforme a tipologia de Schwartz. Esta escala está organizada nos 10 tipos motivacionais, correspondendo dois itens a cada valor (Schwartz et al., 2012).

No preenchimento do inventário, os participantes deverão selecionar o quanto se identificam com cada afirmação. Para isso, é utilizada uma escala tipo *likert* que varia entre “1) Não é nada parecida comigo.”, “2) Não é parecida comigo.”, “3) Pouco parecida comigo.”, “4) Algo parecida comigo.”, “5) Parecida comigo.” e “6) Muito parecida comigo” (Sandy, Gosling, Schwartz & Koelkebeck, 2017).

Este instrumento ainda não está validado para a população portuguesa pelo que usámos o Alpha de Cronbach para determinar a consistência interna para cada dimensão da escala (Patrício & Pereira, 2013).

Para a “conformidade” o alpha foi de .56; para a “tradição” o alpha de .56; para a “benevolência” o alpha de .70; para o “universalismo” o alpha de .57; para a “autodireção” o alpha de .50; para a “estimulação” o alpha de .75; para o “hedonismo” o alpha de .72; para a “realização” o alpha de .77; para o “poder” o alpha de .70 e para a “segurança” o alpha de .19.

Desta forma, a “benevolência “estimulação”, o “hedonismo, a “realização” e o “poder” têm uma boa consistência interna, a “conformidade”, a “tradição”, o “universalismo” e a “autodireção” apresentam uma consistência interna razoável e, finalmente, a “segurança” apresenta uma má consistência interna.

2.2.3. Escala de orientação política.

A escala de orientação política procurou medir de que forma os indivíduos se distribuem ao longo de uma escala que procura estabelecer um posicionamento na orientação política esquerda/direita ou liberalismo/conservadorismo. Os posicionamentos possíveis são: “Completamente à esquerda ou socialismo liberal”; “Entre completamente à esquerda e moderadamente à esquerda”; “Moderadamente à esquerda”; “Entre moderadamente à esquerda e centro esquerda”; “Centro esquerda”; “Centro”; “Centro direita”; “Entre moderadamente à direita e centro direita”; “Moderadamente à direita”; “Entre completamente à direita e moderadamente à direita”; “Completamente à direita ou conservadorismo”. Estes posicionamentos foram convertidos em números de 0 a 11.

2.3. Procedimentos

2.3.1. Recolha de dados.

O período de recolha decorreu entre outubro 2018 e maio de 2019, tendo sido realizada através da distribuição de um questionário entre os alunos da Universidade Lusíada que, por sua vez, tiveram de os distribuir por 10 pessoas cada um. O questionário era composto por

vários instrumentos para além dos necessários para a presente investigação e ainda o necessário consentimento informado.

Durante os procedimentos foram tidos em consideração os pressupostos éticos que estão na base da prática de investigação, mais especificamente na investigação em psicologia clínica (Ordem dos Psicólogos Portugueses, 2011). A recolha dos dados pautou-se sempre pelo respeito dos participantes, salvaguardando a sua integridade física e psicológica. A participação voluntária de todos os indivíduos teve a garantia do cumprimento dos princípios éticos de anonimato e confidencialidade. Foi assegurado que os dados obtidos se destinavam exclusivamente para efeitos de investigação. Foi assegurado aos participantes que, a qualquer momento, podiam dar por terminada a sua colaboração.

Finalmente procedeu-se ao tratamento estatístico através do programa *Statistic Package for Social Sciences* (SPSS) versão 23.

2.3.2. Procedimentos de análise de dados.

Como referido anteriormente, os dados dos questionários foram introduzidos no SPSS, versão 23 e foi realizada a sua análise.

Começou por introduzir-se os dados sociodemográficos (idade, género, nacionalidade, escolaridade, ocupação, estado civil, dados sobre o agregado familiar e rendimento mensal), assim como os 20 itens que compõem o IVVI. Os campos omissos foram preenchidos com o valor 999.

Depois da introdução dos dados introduzidos no SPSS, deu-se início à limpeza da base de dados retirando os valores omissos e verificando se a escala não apresentava valores inversos. A amostra foi caracterizada recorrendo-se à estatística descritiva por ser aquela através da qual é possível descrever de forma sumária um conjunto de dados (Martins, 2011), utilizando para tal medidas de tendência central.

Com o intuito de responder à questão de investigação, procedeu-se à estatística inferencial que nos permite concluir se as associações ou diferenças detetadas na amostra estão presentes na população-alvo (Martins, 2011). A questão de investigação induz a um teste de diferenças. Dado o facto de que a amostra de alguns grupos era inferior a 30, optou-se por um teste não paramétrico, o Teste de Kruskal-Wallis (Martins, 2011). No entanto, ainda segundo Martins (2011) este teste obriga à comparação entre cada grupo, o que conduziu a 55 comparações, tendo por isso que ser aplicada a *Correção de Bonferroni*, o que implicou ter de trabalhar com significâncias de 0.001. Assim, optou-se pela divisão entre 5 grupos, mas também neste caso tivemos que optar pelo Teste Kruskal-Wallis pelos mesmos motivos referidos para as

11 posições políticas. Neste caso, tivemos de trabalhar com significâncias de 0.005. Assim, para que pudéssemos optar pela utilização de testes paramétricos, a posição política foi dividida em 3 grupos., procedendo-se neste caso à utilização da ANOVA Unifactorial já que a variável dependente é intervalar e a variável independente define três ou mais grupos (Martins, 2011). No entanto, serão apresentados todos os resultados obtidos.

Procurou-se também averiguar as diferenças existentes entre a posição política os grupos em comparação: sexo, idade, escolaridade, ocupação e rendimento, tendo sido utilizados o teste T para Amostras Independentes para o sexo, a ANOVA Unifatorial para idade e o de Kruskal-Wallis para as restantes variáveis, dado as dimensões de cada grupo não permitirem o uso de testes paramétricos (Martins, 2011).

3. Resultados

3.1. Diferenças ao Nível dos Valores em Função da Posição Política

Tal como referido acima, foram realizados testes de diferenças para as onze posições políticas, para cinco posições políticas e para três posições políticas.

As onze posições políticas dividiam-se em: 0 – “Completamente à esquerda ou socialismo liberal”; 1 – “Entre completamente à esquerda e moderadamente à esquerda”; 2 – “Moderadamente à esquerda”; 3 – “Entre moderadamente à esquerda e centro esquerda”; 4 – “Centro esquerda”; 5 – “Centro”; 6 – “Centro direita”; 7 – “Entre centro direita e moderadamente à direita”; 8 – “Moderadamente à direita”; 9 – “Entre moderadamente à direita e completamente à direita”; 10 – “Completamente à direita ou conservadorismo”.

Destas onze foram criadas duas ordenações diferentes. Uma com cinco e outra com três posições políticas.

As cinco posições políticas ficaram ordenadas da seguinte forma: “Completamente à esquerda”; que correspondia ao 0 das 11 posições políticas; “Esquerda”, que correspondia ao 1, 2, 3 e 4; “Centro” que correspondia ao 5; “Direita”, que correspondia ao 6, 7, 8 e 9 e, finalmente, “Completamente à direita”, que correspondia ao 10.

As três posições políticas ordenaram-se assim: “Esquerda”, que correspondia às posições de 0 a 4; “Centro”, que correspondia ao 5 e “Direita”, que correspondia às posições de 6 a 10.

3.1.1. Diferenças ao nível dos valores em função das 11 posição política.

O Teste de Kuskal-Wallis demonstrou que há diferenças significativas ao nível dos valores em função da orientação política para os valores Conformidade ($X^2=28.64$, $p = .001$), Tradição ($X^2=43.85$, $p < .001$), Benevolência ($X^2=26.68$, $p = .003$), Universalismo ($X^2=26.87$, $p = .003$) e Segurança ($X^2=20.26$, $p = .027$) (Tabela 3).

Os Testes de Mann-Whitney com Correção de Bonferroni evidenciaram para os valores ligados à Conformidade diferenças entre o grupo 5 e o grupo 8, $U = 5653.5$, $p < .001$, sendo a média mais alta no grupo 8. Para os valores relacionados com a Tradição evidenciaram diferenças entre o grupo 2 e o grupo 10, $U = 185.5$, $p = .001$, entre o grupo 3 e o grupo 8, $U = 847.5$, $p < .001$, entre o grupo 3 e o grupo 10, $U = 78$, $p < .001$, entre o grupo 4 e o grupo 8, $U = 1891.5$, $p = .001$, entre o grupo 4 e 10, $U = 159.5$, $p = .001$ entre o grupo 5 e o grupo 10, $U = 498.5$, $p < .001$ e entre o grupo 6 e o grupo 10, $U = 174$, $p = .001$, apresentando as médias mais

altas nos grupos 8 e 10. Para o valor Universalismo evidenciaram diferenças entre o grupo 3 e o grupo 6, $U = 810$, $p < .001$, com média mais alta no grupo 3. Tal como referido anteriormente, tivemos de trabalhar com uma significância de 0.001. E, como foi necessário efetuar 55 comparações, não foi inserida nenhuma tabela.

Tabela 3

Teste de Kruskal-Wallis para Diferenças ao Nível dos Valores em Função da Orientação Política - 11 Posições Políticas

	Posição Política											X ²	p
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
	(n=25)	(n=5)	(n=71)	(n=42)	(n=73)	(n=209)	(n=67)	(n=29)	(n=75)	(n=14)	(n=13)		
	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>		
	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>		
CO	387.66	143.40	328.73	262.65	302.35	282.84	299.40	305.59	380.75	293.86	363.73	28.64	.001
TR	386.90	290.80	307.35	229.57	264.15	296.67	321.25	328.95	366.97	394.82	491.23	43.85	.000
BE	382.24	152.20	336.28	310.55	346.15	303.23	258.65	284.67	350.11	245.82	246.96	26.78	.003
UN	337.94	142.90	317.94	396.82	353.93	306.55	370.40	279.76	303.57	246.21	278.62	26.87	.003
SD	342.20	291.30	305.02	356.90	319.48	305.75	308.44	233.55	327.63	330.54	298.50	19.57	.392
ST	313.26	222.00	285.78	369.82	312.73	320.28	280.96	248.76	335.08	365.29	273.96	16.40	.089
HE	321.74	210.60	319.46	354.13	318.49	311.15	278.49	262.86	342.10	283.25	272.35	12.02	.284
AC	307.70	211.10	264.10	347.05	305.21	308.49	303.04	302.72	359.86	329.96	373.38	14.23	.103
CO	318.62	357.30	269.28	326.82	319.62	300.33	306.81	294.72	347.26	400.00	379.27	20.26	.163
SE	322.48	152.40	339.82	360.95	303.60	284.24	311.30	284.36	356.29	313.79	344.38	20.26	.027

3.1.2. Diferenças ao nível dos valores em função das 5 posição política.

O Teste de Kruskal-Wallis revelou a presença de diferenças significativas ao nível dos valores em função da orientação política para os valores relacionados com a Conformidade, ($X^2 = 11.75, p = .019$), com a Tradição ($X^2 = 35.90, p < .001$) e com o Universalismo ($X^2 = 11.97, p = .018$). Revelou ainda diferenças marginalmente significativas com a Benevolência ($X^2 = 8.78, p = .067$) (Tabela 4).

Atendendo a uma significância de 0.005, os Testes de Mann-Whitney com Correção de Bonferroni não evidenciaram diferenças entre os grupos para os valores ligados à Conformidade. Para os valores relacionados com a Tradição evidenciaram diferenças entre o grupo 1 e o grupo 2, $U = 1568.5, p = .003$, entre o grupo 2 e o grupo 4, $U = 14008.0, p < .001$, entre o grupo 2 e o grupo 5, $U = 442, p < .001$, entre o grupo 3 e o grupo 4, $U = 16507.5, p = .004$, entre o grupo 3 e o grupo 5, $U = 500, p < .001$ e entre o grupo 4 e o grupo 5, $U = 607, p < .002$, apresentando as médias mais altas nos grupos 1, 4 e 5. Para o valor Universalismo evidenciaram diferenças entre o grupo 2 e o grupo 4, $U = 14871, p = .001$, com média mais alta no grupo 2. (Tabela 5).

Tabela 4

Teste de Kruskal-Wallis para Diferenças ao Nível dos Valores em função da Orientação Política - 5 Posições Políticas

	Orientação Política					X²	p
	Extrema Esquerda	Esquerda	Centro	Direita	Extrema Direita		
	(n=25) <i>Ordem Média</i>	(n=191) <i>Ordem Média</i>	(n=209) <i>Ordem Média</i>	(n=185) <i>Ordem Média</i>	(n=13) <i>Ordem Média</i>		
CO	383.40	303.49	297.42	337.47	369.42	11.746	.019
TR	393.54	276.87	300.93	352.21	499.19	35.903	.000
BE	387.68	332.83	308.77	303.35	250.35	8.783	.067
UN	343.28	347.57	312.17	287.90	282.88	11.969	.018
SD	346.82	325.58	311.99	309.02	303.38	1.754	.781
ST	317.74	317.83	325.41	307.64	277.58	1.572	.814
HE	326.08	328.33	315.48	366.94	275.31	2.120	.714
AC	311.46	301.85	313.38	331.60	378.23	1.187	.381
PO	324.04	308.40	304.32	332.74	386.27	4.826	.306
SE	326.92	329.37	290.31	328.89	349.19	6.901	.141

Tabela 5

Teste de Mann-Whitney para Diferenças entre Grupos - 5 Posições Políticas

Orientação Política										
	Ext. Esq. vs. Esquerda	Ext. Esq. vs. Centro	Ext. Esq. vs. Direita	Ext. Esq. vs. Ext. Dir.	Esquerda vs. Centro	Esquerda vs. Direita	Esquerda vs. Ext. Dir.	Centro vs. Direita	Centro vs. Ext. Dir.	Direita vs. Ext. Dir.
CO	U = 1725.00 p = .015	U = 1852.00 p = .013	U = 1920.00 p = .130	U = 157.00 p = .862	U = 20116.50 p = .695	U = 16313.50 p = .058	U = 1004.00 p = .202	U = 17338.00 p = .027	U = 1082.50 p = .195	U = 1381.00 p = .479
TR	U = 1568.50 p = .003	U = 1838.00 p = .012	U = 2029.50 p = .264	U = 99.50 p = .050	U = 18961.00 p = .144	U = 14008.00 p = .000	U = 442.00 p = .000	U = 16507.50 p = .004	U = 500.00 p = .000	U = 607.00 p = .002
BE	U = 2011.50 p = .144	U = 1976.50 p = .037	U = 1723.50 p = .027	U = 96.50 p = .039	U = 19007.50 p = .176	U = 16598.00 p = .101	U = 954.00 p = .125	U = 19513.00 p = .776	U = 1098.00 p = .220	U = 1015.00 p = .297
UN	U = 2372.00 p = .821	U = 2369.50 p = .394	U = 1907.00 p = .118	U = 138.50 p = .442	U = 18286.00 p = .046	U = 14871.00 p = .001	U = 1020.50 p = .223	U = 18329.50 p = .181	U = 1235.00 p = .537	U = 1192.50 p = .882
SD	U = 2258.50 p = .541	U = 235.50 p = .372	U = 2072.00 p = .327	U = 144.00 p = .555	U = 19684.50 p = .443	U = 17354.50 p = .358	U = 1181.00 p = .674	U = 19655.00 p = .874	U = 1332.50 p = .861	U = 1195.50 p = .894
ST	U = 2432.50 p = .987	U = 2592.00 p = .887	U = 2278.50 p = .803	U = 152.50 p = .755	U = 20072.50 p = .670	U = 17727.50 p = .575	U = 1115.00 p = .465	U = 18762.00 p = .331	U = 1144.50 p = .312	U = 1105.50 p = .562
HE	U = 2427.50 p = .973	U = 2549.50 p = .783	U = 2213.00 p = .632	U = 138.00 p = .444	U = 19747.50 p = .480	U = 17092.50 p = .247	U = 1032.50 p = .257	U = 19305.00 p = .642	U = 1202.00 p = .450	U = 115.50 p = .595
AC	U = 2376.00 p = .836	U = 2627.00 p = .974	U = 2208.00 p = .621	U = 127.50 p = .277	U = 19820.50 p = .520	U = 16589.5 p = .105	U = 965.00 p = .146	U = 18695.50 p = .317	U = 1068.50 p = .208	U = 1040.00 p = .365
PO	U = 2325.50 p = .708	U = 2472.50 p = .606	U = 2290.50 p = .836	U = 133.50 p = .367	U = 20307.00 p = .821	U = 16922.00 p = .190	U = 943.00 p = .119	U = 18038.00 p = .116	U = 1028.00 p = .127	U = 1012.00 p = .297
SE	U = 2417.00 p = .944	U = 2339.50 p = .348	U = 2345.50 p = .987	U = 150.00 p = .716	U = 18062.50 p = .031	U = 18257.00 p = .945	U = 11745.00 p = .653	U = 17330.00 p = .027	U = 1158.00 p = .339	U = 1116.00 p = .594

3.1.3. Diferenças ao nível dos valores em função das 3 posição política.

A ANOVA Unifatorial revelou diferenças significativas ao nível dos valores em função da orientação política para os valores relacionados com a Tradição, $F = 9.29$, $p < .001$, com a Benevolência, $F = 3.15$, $p = .043$ e com o Universalismo, $F = 6.49$, $p = .002$. Há ainda diferenças marginalmente significativas para os valores relacionados com o Poder, $F = 2.42$, $p = .089$ e para os valores ligados à Segurança, $F = 2.58$, $p = .076$ (Tabela 6).

Tabela 6
ANOVA Unifatorial para Diferenças ao Nível dos Valores em Função da Orientação Política - 3 Posições Políticas

	Orientação Política			<i>df</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
	Esquerda (n=216) <i>Média (DP)</i>	Centro (n=209) <i>Média (DP)</i>	Direita (n=198) <i>Média (DP)</i>			
CO	4.84 (.83)	4.76 (.87)	4.94 (.87)	2.62	2.15	.117
TR	3.26 (1.22)	3.33 (1.08)	3.73 (1.19)	2.62	9.29	.000
BE	5.00 (.80)	4.86 (.79)	4.80 (.87)	2.62	3.15	.043
UN	5.29 (.73)	5.13 (.80)	5.01 (.85)	2.62	6.49	.002
SD	4.85 (.76)	4.75 (.83)	4.74 (.83)	2.62	1.26	.295
ST	3.79 (1.21)	3.83 (1.14)	3.71 (1.13)	2.62	.51	.600
HE	4.67 (.96)	4.56 (1.08)	4.52 (1.03)	2.62	1.17	.311
AC	4.27 (1.05)	4.30 (1.11)	4.46 (1.07)	2.62	1.72	.178
PO	3.19 (1.16)	3.15 (1.20)	3.39 (1.18)	2.62	2.42	.089
SE	4.70 (.89)	4.54 (.85)	4.71 (.85)	2.62	2.58	.076

O Teste Post-Hoc de Bonferroni revelou que os valores relacionados com a Tradição estão mais presentes na direita face à esquerda e ao centro, que os valores relacionados com a Benevolência, estes estão mais presentes na esquerda do que na direita e, finalmente, o Universalismo está mais presente na esquerda do que na direita. Relativamente aos valores do Poder e da Segurança não há diferenças significativas. (Tabela 7).

Tabela 7

Teste Post-Hoc de Bonferroni para Diferenças entre Grupos - 3 Posições Políticas

	Orientação Política		
	Esquerda	Esquerda	Centro
	vs. Centro	vs. Direita	vs. Direita
CO	1	.736	.116
TR	1	.000	.002
BE	.292	.043	1
UN	.113	.001	.391
SD	.565	.474	1
ST	1	1	.975
HE	.844	.425	1
AC	1	.243	.445
PO	1	.253	.119
SE	.154	1	.145

3.2. Diferenças ao Nível das Posição Política em função das Características Sociodemográficas

Para estudarmos esta hipótese também se utilizaram as três escalas diferentes criadas para a posição política.

3.2.1. Diferenças ao nível das posições políticas em função do sexo.

O Teste T não revelou diferenças significativas nem ao nível das 11 posições políticas nem ao nível das 5 posições políticas em função do sexo (Tabelas 8 e 9).

Tabela 8

Teste T para Diferenças ao Nível do Sexo em Função da Orientação Política - 11 Posições Políticas

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	<i>df</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
	(n=208)	(n=413)			
	<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>			
Orientação Política de 0 a 10	5.16 (2.41)	4.80 (2.05)	62	1.952	.051

0 – “Completamente à esquerda ou socialismo liberal”; 1 – “Entre completamente à esquerda e moderadamente à esquerda”; 2 – “Moderadamente à esquerda”; 3 – “Entre moderadamente à esquerda e centro esquerda”; 4 – “Centro esquerda”; 5 – “Centro”; 6 – “Centro direita”; 7 – “Entre centro direita e moderadamente à direita”; 8 – “Moderadamente à direita”; 9 – “Entre moderadamente à direita e completamente à direita”; 10 – “Completamente à direita ou conservadorismo”

Tabela 9

Teste T para Diferenças ao Nível do Sexo em Função da Orientação política – 5 Posições políticas

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	<i>df</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
	(n=208)	(n=413)			
	<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>			
Orientação Política de 1 a 5	3.05 (.992)	2.90 (.878)	62	1.920	.055

1 – “Completamente à esquerda”; 2 – “Esquerda”; 3 – “Centro”; 4 – “Direita”; 5 – “Completamente à direita”

Por fim, ao nível das 3 posições políticas revelou diferenças significativas entre as diversas orientações políticas em função do sexo, $t(62) = 2.06$, $p < .05$. Os homens referem encontrar-se mais à direita do que as mulheres. (Tabela 10).

Tabela 10

Teste T para Diferenças ao Nível do Sexo em Função da Orientação Política – 3 Posições Políticas

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	<i>df</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
	(n=208)	(n=413)			
	<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>			
Orientação Política Esq./Centro/Dir.	2.06 (.86)	1.92 (.79)	62	2.06	.040

3.2.2. Diferenças ao nível das posições políticas em função da idade.

A ANOVA Unifatorial não revelou diferenças significativas ao nível da posição política, em qualquer uma das suas ordenações, em função quer da idade (Tabelas 11, 12 e 13).

Tabela 11

ANOVA Unifatorial para Diferenças ao Nível da Idade em Função da Orientação Política – 11 Posições Políticas

	Idade			<i>df</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
	18-24	25-64	>65			
	(n=316)	(n=279)	(n=28)			
	<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>			
Orientação pol. de 0 a 10	5.00 (2.01)	4.91 (2.31)	4.29 (2.85)	2.62	1.380	.252

0 – “Completamente à esquerda ou socialismo liberal”; 1 – “Entre completamente à esquerda e moderadamente à esquerda”; 2 – “Moderadamente à esquerda”; 3 – “Entre moderadamente à esquerda e centro esquerda”; 4 – “Centro esquerda”; 5 – “Centro”; 6 – “Centro direita”; 7 – “Entre centro direita e moderadamente à direita”; 8 – “Moderadamente à direita”; 9 – “Entre moderadamente à direita e completamente à direita”; 10 – “Completamente à direita ou conservadorismo”

Tabela 12

ANOVA Unifatorial para Diferenças ao Nível da Idade em Função da Orientação Política – 5 Posições Políticas

	Idade			df	F	p
	18-24	25-64	>65			
	(n=316)	(n=279)	(n=28)			
	<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>			
Orientação pol. de 1 a 5	2.97 (.844)	2.96 (.965)	2.75 (1.24)	2.62	.711	.492

1 – “Completamente à esquerda”; 2 – “Esquerda”; 3 – “Centro”; 4 – “Direita”; 5 – “Completamente à direita”

Tabela 13

ANOVA Unifatorial para Diferenças ao Nível da Idade em Função da Orientação Política – 3 Posições Políticas

	Idade			df	F	p
	18-24	25-64	>65			
	(n=316)	(n=279)	(n=28)			
	<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>			
Orientação Pol. Esq./Centro/Dir.	1.97 (.780)	1.98 (.842)	1.89 (.956)	2.62	.156	.856

3.2.3. Diferenças ao nível das posições políticas em função da escolaridade.

O Teste de Kruskal-Wallis não revelou diferenças significativas ao nível da posição política, em qualquer uma das suas ordenações, em função da escolaridade (tabelas 14, 15 e 16).

Tabela 14

Teste de Kruskal-Wallis para Diferenças ao Nível da Escolaridade em Função da Orientação Política – 11 Posições Políticas

	Escolaridade							X ²	p
	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Secund.	Licenc.	Mestrado	Doutor.		
	(n=18)	(n=24)	(n=45)	(n=347)	(n=151)	(n=21)	(n=3)		
	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>		
	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>		
Orient.									
pol. 0 a 10	267.00	290.90	310.66	321.72	280.88	334.98	311.00	7.627	.267

0 – “Completamente à esquerda ou socialismo liberal”; 1 – “Entre completamente à esquerda e moderadamente à esquerda”; 2 – “Moderadamente à esquerda”; 3 – “Entre moderadamente à esquerda e centro esquerda”; 4 – “Centro esquerda”; 5 – “Centro”; 6 – “Centro direita”; 7 – “Entre centro direita e moderadamente à direita”; 8 – “Moderadamente à direita”; 9 – “Entre moderadamente à direita e completamente à direita”; 10 – “Completamente à direita ou conservadorismo”

Tabela 15

Teste de Kruskal-Wallis para Diferenças ao Nível da Escolaridade em Função da Orientação Política – 5 Posições Políticas

	Escolaridade							X ²	P
	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Secund.	Licenc.	Mestrado	Doutor.		
	(n=18)	(n=24)	(n=45)	(n=347)	(n=151)	(n=21)	(n=3)		
	Ordem	Ordem	Ordem	Ordem	Ordem	Ordem	Ordem		
Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média			
Orient. pol. 1 a 5	272.39	287.73	317.69	320.12	282.66	337.17	282.67	7.164	.306

1 – “Completamente à esquerda”; 2 – “Esquerda”; 3 – “Centro”; 4 – “Direita”; 5 – “Completamente à direita”

Tabela 16

Teste de Kruskal-Wallis para Diferenças ao Nível da Escolaridade em Função da Orientação Política – 3 Posições Políticas

	Escolaridade							X ²	P
	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Secund.	Licenc.	Mestr.	Dout.		
	(n=18)	(n=24)	(n=45)	(n=347)	(n=151)	(n=21)	(n=3)		
	Ordem	Ordem	Ordem	Ordem	Ordem	Ordem	Ordem		
Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média			
Or. Pol. Esq/Cen/Dt	279.89	297.71	320.30	318.38	283.04	335.50	315.83	6.106	.411

3.2.4. Diferenças ao nível da posição política em função da ocupação.

O Teste de Kruskal-Wallis não revelou diferenças significativas ao nível das posições políticas em função da ocupação. (Tabela 17, 18 e 19).

Tabela 17

Teste de Kruskal-Wallis para Diferenças ao Nível da Ocupação em Função da Orientação Política – 11 Posições Políticas

	Ocupação					X ²	P
	Estudante	Empregado	Desempr.	Reformado	Trab.-Est.		
	(n=275)	(n=219)	(n=26)	(n=49)	(n=31)		
	Ordem	Ordem	Ordem	Ordem	Ordem		
Média	Média	Média	Média	Média			
Orientação política de 0 a 10	318.12	303.25	253.56	265.18	284.50	7.104	.130

0 – “Completamente à esquerda ou socialismo liberal”; 1 – “Entre completamente à esquerda e moderadamente à esquerda”; 2 – “Moderadamente à esquerda”; 3 – “Entre moderadamente à esquerda e centro esquerda”; 4 – “Centro esquerda”; 5 – “Centro”; 6 – “Centro direita”; 7 – “Entre centro direita e moderadamente à direita”; 8 – “Moderadamente à direita”; 9 – “Entre moderadamente à direita e completamente à direita”; 10 – “Completamente à direita ou conservadorismo”

Tabela 18

Teste de Kruskal-Wallis para Diferenças ao Nível da Ocupação em Função da Orientação Política – 5 Posições Políticas

	Ocupação					X ²	p
	Estudante	Empregado	Desempr.	Reformado	Trab.-Est.		
	(n=275)	(n=219)	(n=26)	(n=49)	(n=31)		
	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>		
	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>			
Orientação Política de 1 a 5	315.13	306.37	268.62	265.19	276.98	5.931	.204

1 – “Completamente à esquerda”; 2 – “Esquerda”; 3 – “Centro”; 4 – “Direita”; 5 – “Completamente à direita”

Tabela 19

Teste de Kruskal-Wallis para Diferenças ao Nível da Ocupação em Função da Orientação Política – 3 Posições Políticas

	Ocupação					X ²	p
	Estudante	Empregado	Desempr.	Reformado	Trab.-Est.		
	(n=275)	(n=219)	(n=26)	(n=49)	(n=31)		
	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>		
	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>			
Orientação Polít. Esq./Centro/Dir.	313.78	305.27	264.42	278.12	280.11	4.340	.362

3.2.5. Diferenças ao nível da posição política em função do rendimento.

O Teste de Kruskal-Wallis não revelou diferenças significativas ao nível das posições políticas em função do rendimento (Tabela 20, 21 e 22).

Tabela 20

Teste de Kruskal-Wallis para Diferenças ao Nível do Rendimento em Função da Orientação Política – 11 Posições Políticas

	Rendimento								X ²	p
	<500€	500€-	899€-	1299€-	1999€-	2999€-	3999€-	>499€		
		899€	1299€	1999€	2999€	3999€	4999€			
	(n=9)	(n=78)	(n=167)	(n=151)	(n=94)	(n=43)	(n=8)	(n=24)		
	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>		
	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>		
Orientação pol. de 0 a 10	319.39	309.48	275.36	284.18	293.53	306.97	408.13	295.10	7.616	.368

0 – “Completamente à esquerda ou socialismo liberal”; 1 – “Entre completamente à esquerda e moderadamente à esquerda”; 2 – “Moderadamente à esquerda”; 3 – “Entre moderadamente à esquerda e centro esquerda”; 4 – “Centro esquerda”; 5 – “Centro”; 6 – “Centro direita”; 7 – “Entre centro direita e moderadamente à direita”; 8 – “Moderadamente à direita”; 9 – “Entre moderadamente à direita e completamente à direita”; 10 – “Completamente à direita ou conservadorismo”

Tabela 21

Teste de Kruskal-Wallis para Diferenças ao Nível do Rendimento em Função da Orientação Política – 5 Posições Políticas

	Rendimento								X ²	p
	<500€	500€-	899€-	1299€-	1999€-	2999€-	3999€-	<499€		
		899€	1299€	1999€	2999€	3999€	4999€			
	(n=9)	(n=78)	(n=167)	(n=151)	(n=94)	(n=43)	(n=8)	(n=24)		
	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>		
	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>		
Orientação pol. de 1 a 5	316.61	312.13	270.12	284.76	293.67	315.37	424.25	299.52	11.424	.121

1 – “Completamente à esquerda”; 2 – “Esquerda”; 3 – “Centro”; 4 – “Direita”; 5 – “Completamente à direita”

Tabela 22

Teste de Kruskal-Wallis para Diferenças ao Nível do Rendimento em Função da Orientação Política – 3 Posições Políticas

	Rendimento								X ²	p
	<500€	500€-	899€-	1299€-	1999€-	2999€-	3999€-	<499€		
		899€	1299€	1999€	2999€	3999€	4999€			
	(n=9)	(n=78)	(n=167)	(n=151)	(n=94)	(n=43)	(n=8)	(n=24)		
	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>	<i>Ordem</i>		
	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>	<i>Média</i>		
Orient. Pol. Esq./Cent/Dir.	316.22	309.03	271.30	285.58	294.19	312.35	416.00	302.54	10.007	.188

4. Discussão dos Resultados

O objetivo principal desta investigação foi verificar se existem diferenças ao nível dos valores em função da posição política e se existem diferenças ao nível da posição política em função das características sociodemográficas. A pertinência do estudo prende-se com dois fatores: saber até que ponto os valores podem ajudar a explicar os comportamentos dos indivíduos e, por outro lado, perceber até que ponto os valores dos indivíduos estão subjacentes às suas posições políticas o que poderá ajudar na formação cívica dos cidadãos, nomeadamente quando se trabalham com os jovens as questões da cidadania. Numa sociedade cada vez mais infiltrada por desinformação, só o conhecimento e a informação podem ajudar na construção de um pensamento mais crítico.

Há diversos estudos que investigam esta relação entre os valores e a posição política, mas nenhum deles incluiu Portugal, pelo que esta investigação é muito pertinente.

A discussão dos resultados encontrados vai ser realizada tendo em conta as hipóteses previamente formuladas.

H1: Existem diferenças ao nível dos valores em função da posição política

É importante começar por salientar que o instrumento relacionado com a variável valores (IVVI) encontra-se atualmente em aferição para a população portuguesa.

Quanto à utilização da escala esquerda-direita, o instrumento utilizado neste estudo procurou suprir a limitação exposta na investigação de Caprara e outros, em 2010, e que indicava que indicador de ideologia multi-item poderia apresentar melhores resultados. Assim, neste caso foi utilizada uma escala de 11 itens, que depois foi agrupada em 5 e 3 itens.

Quando utilizámos a escala completa, os valores relacionados com a Conformidade, a Tradição e o Universalismo apresentaram diferenças significativas entre grupos. A Conformidade está mais presente nos indivíduos que se posicionam moderadamente à direita em comparação com os que se posicionam no centro, a Tradição está também presente na direita quando comparada com o centro e também com a esquerda, nomeadamente está mais presente nos indivíduos que se posicionam completamente à direita face aos que se posicionam moderadamente à direita, entre moderadamente direita e centro esquerda, centro e centro direita; e nos indivíduos que se posicionam moderadamente à direita face aos que se posicionam entre moderadamente à esquerda e centro esquerda. Finalmente, o Universalismo está mais presente nos indivíduos que se posicionaram entre moderadamente esquerda e centro esquerda face os que se posicionaram no centro direita.

Quando as onze posições políticas foram agrupadas em cinco apareceram resultados ligeiramente diferentes. A Tradição apresentou diferenças significativas entre a esquerda e o centro face à direita estando mais presente na direita, tal como anteriormente. Contudo, apresentou também diferenças entre a posição completamente à esquerda face à esquerda, estando mais presente nos indivíduos que estão mais completamente à esquerda e entre a posição centro direita face à posição completamente à direita e estando mais presente nesta última. A conformidade não apresentou diferenças significativas entre grupos. Finalmente, o universalismo está mais presente nos indivíduos que se encontram à esquerda face aos que se encontram à direita.

Finalmente quando observamos os resultados obtidos no agrupamento de três posições políticas, verificamos que a tradição está mais presente nos indivíduos que se encontram mais à direita em comparação com os que se encontram no centro ou à esquerda. Já a benevolência e o universalismo estão mais presentes nos indivíduos que se encontram à esquerda em comparação com os que se encontram posicionados à direita.

Tendo em conta a questão de investigação, é possível rejeitar a H0 e aceitar a hipótese alternativa, depreendendo-se que há diferenças ao nível de alguns valores em função da orientação política, nomeadamente a tradição e o universalismo em função de todos os agrupamentos de posições políticas, a conformidade em função das onze posições políticas e, por fim, a benevolência em função das cinco e três posições políticas.

Em comparação com outros estudos, estes resultados parecem ir ao encontro de outros resultados, mas não convergem inteiramente. Em 2010, Caprara e outros, relataram que o universalismo e a benevolência estariam relacionados com uma orientação política à esquerda. No entanto, referiram os valores do poder e da realização como estando relacionados com uma orientação política à direita, resultados que não encontramos na presente investigação. Por outro lado, não fazem referência nem à tradição nem à conformidade. Em 2013, Schwartz e colaboradores utilizaram uma escala multi-itens e em vez de analisarem a correlação da dicotomia esquerda-direita com os valores, analisaram itens como a aceitação de imigrantes e a valorização da lei e ordem, sendo que encontraram evidências de que a estrutura motivacional circular daria coerência aos valores políticos. Em 2014, Simkin e Azzolinni encontraram resultados que relacionavam a tradição e a conformidade com a direita, mas relataram também correlações entre a segurança e a direita e não relataram correlações entre qualquer valor e a esquerda. Finalmente, em 2017, Schwartz e outros encontraram resultados que correlacionavam o universalismo e o hedonismo com a esquerda e a segurança, tradição e conformidade com a

direita, sendo que no caso do presente estudo não encontramos correlações nem do hedonismo nem da segurança.

Comparando, então, estudos anteriores com a investigação em análise podemos concluir que o universalismo aparece consistentemente relacionado com a orientação política de esquerda, a benevolência aparece também relacionada com a esquerda embora não seja verificada esta relação em todos os estudos. A tradição aparece consistentemente relacionada com a direita em todos os estudos e a conformidade também, com exceção da nossa investigação quando dividimos as posições políticas em cinco e três grupos. Não foram encontradas relações ao nível da segurança que aparece correlacionada com a direita em todas as outras investigações. No entanto, é de salientar que a tradição está sempre presente e é um valor adjacente, pelo que vai ao encontro de estudos anteriores (Caprara et al., 2010). Também não encontramos a correlação entre hedonismo e esquerda que se verificou noutras investigações. Quanto ao hedonismo, nem este valor nem os seus adjacentes aparecem correlacionados quer com a direita quer com a esquerda na nossa investigação.

É ainda de salientar que as metas motivacionais de conservação e de autotranscendência estão presentes em todos os estudos e relacionadas com a direita e com a esquerda, respetivamente. No entanto, na presente investigação, ao contrário de investigações anteriores, não aparece a meta motivacional do autodesenvolvimento nem a da abertura à mudança. Contudo, se olharmos para a dimensão dos valores livres de ansiedade *versus* valores baseados na ansiedade, ambas estão presentes em todas as investigações e, enquanto os valores livres de ansiedade se relacionam com a esquerda, os valores baseados na ansiedade relacionam-se com a direita. Também neste estudo isto se verifica, já que o universalismo e a benevolência são valores livres de ansiedade enquanto a conformidade e a tradição são valores baseados na ansiedade (Schwartz, 2012). Estes resultados vão ao encontro do que referiram Jost (2006) e Schwartz e outros (2013) sobre as necessidades psicológicas básicas que poderão estar na base da orientação política: estabilidade *versus* mudança, ordem *versus* complexidade, familiaridade *versus* novidade e conformidade *versus* criatividade, estando as primeiras relacionadas com a direita e as segundas com a esquerda.

Todas as correlações encontradas na presente investigação, para além de irem ao encontro de estudos anteriores, são coerentes com o que está estudado sobre a orientação política. Segundo Bobbio (1996) e Jost (2006), a esquerda está relacionada com a ideia de igualdade e a benevolência e o universalismo são valores nos quais há preocupação com os outros, sejam os mais próximos, seja relativo a todas as pessoas (Schwartz, 1994). Por outro lado, Bobbio e Jost (1996 e 2006) referem que a direita está relacionada com a ideia de

desigualdade que advém de uma sociedade hierarquizada, pelo que faz sentido que a tradição e a conformidade estejam correlacionadas com a direita já que, a primeira defende o respeito pelas ideias e costumes e a segunda a inibição de impulsos que possam violar expectativas ou normas estabelecidas (Schwartz, 1994).

No entanto, há correlações encontradas em outros estudos e que, indo ao encontro de que tem sido estudado sobre direita e esquerda, não são encontradas no presente trabalho. Em 2006, Jost definiu esquerda como estando ligada à mudança, complexidade, novidade, criatividade e rebelião, e direita como estando ligada à estabilidade, ordem, familiaridade, conformidade e lealdade. Aqui poderemos fazer uma ligação para a estrutura circular dos valores em que aos valores de abertura à mudança se contrapõem os valores ligados à conservação (Schwartz, 1994). Isto verifica-se em diversas investigações, como já verificámos acima, em que a autodireção, estimulação e hedonismo se relacionam com a esquerda (Caprara, Schwartz & Vechionne, 2010; Schwartz et al., 2013) e em que a tradição, segurança e conformidade se relacionam com a direita (Caprara, Schwartz & Vechionne, 2010; Caprara, 2017; Schwartz et al., 2013; Simkin & Azzolinni, 2014). Na presente investigação não se encontraram relações com a orientação política para os valores relacionados com a abertura à mudança. Como já vimos no primeiro capítulo, os dois principais partidos em Portugal têm uma fraca distinção ideológica (Moreira, 2009). E os indivíduos que se identificam com a esquerda fazem-no porque se identificam mais com os novos valores, relacionados com movimentos libertários de diversas minorias e ambientais (Baptista & Loureiro, 2018). Estes novos valores, tendo a ver com o bem-estar dos outros e da natureza, correspondem aos valores da benevolência e do universalismo (Schwartz, 1994). Por outro lado, é de salientar que na presente investigação os valores que aparecem relacionados tanto com a esquerda como com a direita são os valores que têm o foco no social, por contrapartida ao foco no pessoal. Assim, é possível considerar que este suporte das minorias e da abertura a imigrantes é baseado na regulação da forma como nos relacionamos com os outros e como as nossas ações os afetam e não na ênfase dada à escolha e autoexpressão individual, à tolerância à diferença ou à liberdade de procura do prazer, características que definem a autodireção, a estimulação e do hedonismo.

É ainda de salientar que o facto de existir a posição centro poderá fazer com que as pessoas se dividam menos entre a esquerda e a direita. Aliás a divisão é muito igualitária: 37,65% posicionam-se à esquerda, 33,55% ao centro e 31,78% à direita. Estes resultados vão ao encontro dos resultados encontrados em 2018, por Baptista e Lourenço, no estudo sobre o eleitorado português, e que referia que subsiste a tendência de as pessoas se posicionarem no

centro do espaço político quando questionados sobre como posicionam na escala esquerda-direita.

Assim, pensamos que será muito pertinente fazer uma nova investigação que procure avaliar não só um posicionamento político simples entre esquerda e direita, mas também com a introdução de outros itens que ajude a analisar, por exemplo, questões económicas, para além das sociais.

Considero ainda de salientar o facto que quando utilizamos as onze posições políticas, há grupos que ficam com uma amostra muito pequena (inferior a 30), sendo que das nove diferenças encontradas, cinco se baseiam num desses grupos, completamente à direita. No caso das cinco posições políticas também aparecem grupos com amostras inferiores a 30 e das sete diferenças encontradas, cinco são baseadas nesses grupos, completamente à esquerda e completamente à direita. Sendo assim, parece-me que a utilização dos três grupos poderá ser a opção mais viável já que as amostras são superiores a 100 e todos estão representados nas diferenças encontradas. Por outro lado, não se cinge à dicotomia esquerda e direita já que contabiliza também as pessoas que se posicionam no centro.

H2: Existem diferenças ao nível da posição política em função das características demográficas

Para testar esta hipótese também usámos a divisão em onze posições políticas, cinco e três. As características sociodemográficas estudadas foram o sexo, a idade, a escolaridade e o rendimento por serem aqueles que foram referidos no estudo de Schwartz e outros em 2013.

Não se verificou nenhuma diferença ao nível da orientação política em função das características sociodemográficas

Estes resultados vão ao encontro da conclusão a que chegou Schwartz e colaboradores em 2013, de que a estrutura circular dos valores de Schwartz explicaria melhor os valores políticos de um indivíduo do que a idade, o sexo, a educação e o rendimento.

4.1. Limitações do estudo

Uma das limitações que pode ser apontada neste estudo é o facto de os questionários envolverem vários instrumentos para poderem servir para diversos estudos. Este facto torna o protocolo muito grande o que pode levar algum cansaço nas respostas e estas não foram pensadas convenientemente. Tratando-se de instrumentos de autorrelato, esta pode ser uma limitação importante.

Uma segunda limitação prende-se com o facto do instrumento de Schwartz não estar ainda aferido para a população portuguesa. Dado a importância que consideramos que este estudo tem, poderia ser interessante fazer um protocolo só com este objetivo após a aferição do instrumento de Schwartz.

4.2. Conclusões

Esta investigação cumpriu com o seu objetivo principal de verificar se existem diferenças ao nível dos valores em função da posição política. Demonstrou também que possivelmente os valores explicam melhor estas diferenças na orientação política do que as características sociodemográficas. Assim, podem ajudar a explicar quais os valores, metas motivacionais destes ou outras dimensões que estão na base das ideologias pessoais. Penso ser cada vez mais pertinente que os indivíduos possam compreender as diferentes orientações políticas, o que está na sua base e o que é que está mais conectado com a sua forma de olhar para a atualidade e para o mundo. Este conhecimento poderá ajudá-los a tomar decisões mais coerentes com a sua forma de pensar. Pensamos ser ainda mais pertinente no caso dos jovens e da sua formação cívica, de modo a que votem, o façam em consciência e contribuam para uma democracia sólida ao mesmo tempo que, e não menos importante, são cada vez mais coerentes nas suas atitudes, tornando-se mais saudáveis mentalmente já que o que sentem, o que pensam e como agem poderá ser mais congruente.

Referências

- Algesheimer, R., Davidov, E., Cieciuch, J., Schwartz, S. H., & Skimina, E. (2019). Behavioral Signatures of Values in Everyday Behavior in Retrospective and Real-Time Self-Reports. *Frontiers of Psychology*. doi:10.3389/fpsyg.2019.00281
- Almeida, L., & Freire, T. (2008). *Metodologia de investigação em psicologia e educação* (5ª ed. ed.). Braga: Psiquilibrios Edições.
- Baptista, J. P., & Loureiro, M. (2018). Ideologia Política Esquerda-Direita – Estudo Exploratório do Eleitorado Português. *Interações Sociedade e as novas modernidades*, 35, 57-80. doi:10.31211/interacoes.n35.2018.a3
- Bardi, A., & Schwartz, S. H. (2003). Values and Behavior: Strength and Structure of Relations. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29(10), 1207-1220.
- Barni, D., & Danioni, F. (2016). Adolescents' basic personal values and sense of coherence. *Personality and Individual Differences*, 102, 46-50.
- Block, J., & Block, J. H. (2006). Nursery school personality and political orientation two decades later. *Journal of Research in Personality*, 40, 734–749.
- Bobbio, N. (1996). *Left and Right: The significance of a political distinction*. Cambridge: Polity Press.
- Buss, D. M. (1986). Can social science be anchored in evolutionary biology? Four problems and a strategic solution. *Revue européenne des sciences sociales*, 24(73), 41-50. Obtido de <http://www.jstor.org/stable/40369663>
- Cameron, A. (1996). Introdução. Em N. Bobbio, *Left and Right: The significance of a political distinction*. Cambridge: Polity Press.
- Caprara, G. V., Schwartz, S. H., & Vecchione, M. (2010). Basic Personal Values, Core Political Values, and Voting: A Longitudinal Analysis. *31*(3), 421-452.
- Caprara, G. V., Vecchione, M., Schwartz, S. H., Schoen, H., Bain, P. G., Silvester, J., . . . Caprara, M. G. (2017). Basic Values, Ideological Self-Placement, and Voting: A Cross-Cultural Study. *Cross-Cultural Research*. doi:10.1177/1069397117712194
- Feldman, S., & Johnston, C. (2014). Understanding the Determinants of Political Ideology: Implications of Structural Complexity. *Political Psychology*, 35(3). doi:10.1111/pops.12055
- Funk, C. L., Smith, K. B., Alford, J. R., Hibbing, J. R., Eaton, R. N., Krueger, R. F., . . . Hibbing, M. V. (2012). Genetic and Environmental Transmission of Political Orientations. *Political Psychology*, XX(XX). doi:10.1111/j.1467-9221.2012.00915.x
- Graham, J., Haidt, J., & Nosek, B. A. (2009). Liberals and Conservatives Rely on Different Sets of Moral Foundations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 96(5), 1029-1046. doi:10.1037/a0015141

- Granjo, M., & Peixoto, F. (2013). Contributo para o estudo da Escala de Valores Humanos de Schwartz em professores. *Laboratório de Psicologia*, 11(1), 3-17. doi:10.14417/S1645-7927201300010001
- Gurel-Atay, E., Kahle, L. R., Kim, C.-H., & Lengler, J. B. (2019). A comparison and contrasting of the list of values and the Schwartz value scale. Em E. Gurel-Atay, & L. R. Khale, *Consumer Social Values*. New York: Routledge.
- Harman, C. J. (2018). The Psychological Spectrum: Political Orientation and its Origins in Perception and Culture. *Undergraduate Journal of Politics and International Relations*, 1-14. doi:10.22599
- Inglehart, R. F. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. New Jersey: Princeton University Press.
- Inglehart, R. F. (2008). Changing Values Among Western Publics from 1970 to 2006. *West European Politics*, 31(1-2), 130-146. doi:10.1080/01402380701834747
- Jost, J. T. (2006). The End of the End of Ideology. *61*(7), 651–670. doi:10.1037/0003-066X.61.7.651
- Jost, J. T. (2009). Elective Affinities: On the Psychological Bases of Left–Right Differences. *Psychological Inquiry*, 20(2-3), 129-141. doi:10.1080/10478400903028599
- Lee, H. S. (2002). Analyzing the influence of mass media and the internet uses on voter's interest in the 16th presidential election campaign and candidates recognition. *Journal of Korean Broadcasting*, 17(7), 7-36.
- Léon, O. G., & Montero, I. (2007). A guide for naming research studies in psychology. *International journal of clinical and health psychology*, 7(3), 847-862. Obtido de www.redalyc.org/articulo.ca?id=33770318
- Manfredo, M. J., Bruskotter, J. T., Teel, T. L., Fulton, D., Schwartz, S. H., Arlinghaus, R., . . . Sullivan, L. (2016). Why social values cannot be changed for the sake of conservation. *Conservation Biology*, 31(4), 772–780.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso so IBMSPSS. Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilibrios Edições.
- Moreira, D. (2009). Esquerda e Direita na política europeia. Portugal, Espanha e Grécia em Perspetiva comparada. [André Freire, 2006, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais]. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 60, 135-139.
- Okdie , B. M., & Rempala, D. M. (2019). Brief Textual Indicators of Political Orientation. *Journal of Language and Social Psychology*, 38(1), 106-125.
- Ordem dos Psicólogos Portugueses. (2011). *Código deontológico da ordem dos psicólogos portugueses*. *Diário da República*, 2ª série, 78, 20 de Abril de 2011,17931-17936. Obtido de <https://www.ordemdospsicologos.pt/pt>
- Parks-Leduc, L., Feldman , G., & Bardi, A. (2015). Personality Traits and Personal Values: A Meta-Analysis. *Personality and Social Psychology Review*, 19(1), 3-29.

- Patrício, T., & Pereira, A. (2013). *Guia prático de utilização do SPSS: análise de dados para as ciências sociais e psicologia*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Rokeach, M. (1968). A Theory of Organization and Change Within Value-Attitude Systems. *Journal of Social Issues*, 24(1), 13-33.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York, NY: Free Press.
- Rokeach, M. (1979). The two-value model of political ideology and British politics. *British Journal of Social and Clinical Psychology*, 18, 169-172.
- Sandy, C. J., Gosling, S. D., Schwartz, S. H., & Koelkebeck, T. (2017). The Development and Validation of Brief and Ultrabrief Measures of Values. *Journal of Personality Assessment*, 99(5), 1-11. doi:10.1080/00223891.2016.1231115
- Schwartz, H. S. (1992). Universals in the Content and Structure of Values: Theoretical Advances and Empirical Tests in 20 Countries. *Advances in Experimental Social Psychology*, 25, 1-65. doi:10.1016/s0065-2601(08)60281-6
- Schwartz, S. H. (1994). Are There Universal Aspects in the Structure and Contents of Human Values. *Journal of Social Issues*, 50(4), 19-45.
- Schwartz, S. H. (2001). *European Social Survey Core Questionnaire Development – Chapter 7: A Proposal for Measuring Value Orientations across Nations*. London: European Social Survey, City University London. .
- Schwartz, S. H. (2005). Valores Humanos Básicos: seu contexto e estrutura intercultural. *Valores e Comportamento nas Organizações*, 1, 21-55.
- Schwartz, S. H. (2011). Studying Values: Personal Adventure, Future Directions. *Studying Values: Personal Adventure, Future Directions*. doi:10.1177/0022022110396925
- Schwartz, S. H. (2012). An Overview of the Schwartz Theory of Basic Values. *Online Readings in Psychology and Culture*, 2(1). doi:https://doi.org/10.9707/2307-0919.1116
- Schwartz, S. H., & Bilsky, W. (1987). Toward A Universal Psychological Structure of Human Values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53(3), 550-562.
- Schwartz, S. H., & Sagie, G. (2000). Value consensus and importance: A Cross-National Study. *Journal of cross-cultural Psychology*, 31(4), 465-497.
- Schwartz, S. H., Caprara, G. V., Vecchione, M., Bain, P., Bianchi, G., Caprara, M. G., . . . Zaleski, Z. (2013). Basic Personal Values Underlie and Give Coherence to Political Values: A Cross National Study in 15 Countries. *Political Behavior*, 36(4), 899-930.
- Schwartz, S. H., Cieciuch, J., Vecchione, M., Davidov, E., Fischer, R., Beierlein, C., . . . Konty, M. (2012). Refining the Theory of Basic Individual Values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 103(4), 663–688.
- Simkin, H., & Azzollini, S. (2014). Personalidad, valores sociales y su relación con la orientación ideológica e el interés por la actualidad política: factores que median entre la propaganda y la opinión pública. *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, 18(2), 178-197.

Sorrentino, R. M., Cohen, D., Olson, J. M., & Zanna, M. P. (2005). *Culture and Social Behavior - The Ontario Symposium, Volume 10*. Mahwah, New Jersey London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

Steinmetz, H., Isidor, R., & Baeuerle, N. (2012). Testing the Circular Structure of Human Values: A Meta-Analytical Structural Equation Modelling Approach. *Survey Research Methods*, 6(1), 61-75.